

A REPUBLICA

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

ASSIGNATURAS
Para dentro da provincia por
anno-- 5:000rs. Para fora 68.

Redactor-chefe— Dr. Pedro Velho

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

Natal—segunda-feira, 5 de Agosto de 1889

Não tendo vós poupado esforços e sacrificios para o apparecimento regular da REPUBLICA, pedimos aos nossos assignantes, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, se dignem fazel-o, ou directamente no escriptorio da redacção, ou por intermedio dos nossos agentes.

A REPUBLICA
vende-se em avulso a 100 rs. o numero, em casa do Sr. Manoel da Veiga, na cidade alta; e em casa dos Srs. Chagas Junior & C.^a no bairro da Ribeira.

São agentes d'A REPUBLICA com authorisação para agenciar e cobrar assignaturas, receber qualquer communicação que interesse ao partido republicano e attender ás reclamações que appareçam por parte dos nossos correligionarios e assignantes, os seguintes cidadãos :

1. DISTRICTO

Ceará-mirim—Felsimino Dantas.
Touros—Juvencio Tassino.
Macahyba—Francisco Muniz.
S. José—Manoel Feliciano de Souza.
Aréz—João Pegado Filho.
Goianinha—Luiz Candido.
Canguarelama—Olympio Tavares.
Nova-Cruz—Francisco A. Correia.
Santa Cruz—Theophilo Osvaldo.
Macáú—Joaquim Virgolino de Souza.

2. DISTRICTO

Angicos—José Rufino C. Pinheiro.
Assú—Arthur Napoleão S. de Macedo.
Príncipe—Presidente do C. Republicano.
Imperatriz—Manoel de Souza Pereira.
Mossoró—Manoel Virgolino Cezar.
Apody—Capm. João Nogueira de Lucena.

A REPUBLICA

Natal, 5 de agosto de 1889

O chefe de policia da côrte acaba de expedir um edital despotico, que o bom senso e a dignidade de toda a imprensa independente profliga como insensato e inexequível. A policia pretende estrangular a propaganda republicana, como se editaes sejam capazes de desarraigar convicções; supõe que as medidas inquisitorias de que lança mão a monarchia em desespero de causa, constituem um arrocho hastante forte para obliterar a grande valvula de patriotismo

por onde irrompe irresistivel a consciencia nacional, ultrajada por um governo que só tem estado vergonhas e tropeços á marcha progressiva do paiz.

Julgão-se perdidos. e temem a propaganda, mesmo a mais moderada e pacifica, e iniciam a reacção desenfreada.

O espectro da republica tira-lhes a calma e a razão.

A Gazeta de Noticias, sempre no seu pasto de honra, quando se trata de defender os interesses do povo, revolta-se indignada contra esse attentado á liberdade da tribuna e da imprensa, obra do mesmo partido que ainda hontem, por muito menos, condemnava os conservadores.

Quando estas tentaram impedir as conferencias republicanas gritaram os liberaes— aqui d'el rei, no senado pela voz do actual ministro da justiça, na Tribuna Liberal pela penna do Visconde de Ouro-Preto.

Que coherencia!

O governo acha que pensar livremente é um crime; só se pôde ser hyposrita ou servil; ou escravo do poder ou sedicioso.

E' tarde: os brazileiros já não são tão ignorantes e bocaes como supõe a policia.

A aspiração republicana é legitima e sagra-da, e o governo não pôde impedir a sua ta

Para terminar transcrevemos do artigo «Excesso de Zeio», publicado na Gazeta de Noticias, os seguintes topicos:

«Nada nos parece mais inconveniente, mais attentatorio á ordem e tranquillidade, do que a ameaça feita por um governo, que não tem meios de a executar. E, repetimos, o governo não conseguirá, nem pela força, impedir aquillo que o uso já transformou em direito. E' preciso não esquecer que, se da parte dos governos tem havido tolerancia para com a nação, da parte d'esta tambem a tem havido para com os governos. Ha factos nas altas regiões que não estão bem esclarecidos, que constituem talvez uma irregularidade, ou pelo menos são suspeitos, e que a nação não tem procurado verificar; dir-se-hia que o edital quer agora positivamente impedir que alguém se lembre de o fazer.

A medida é, além de tudo, como dissemos, inopportuna. Partilhámos com toda a gente o sentimento de reprovação ao attentado de que ha dias se occupam os jornaes; repellimos absolutamente a hypotese de ter sido elle praticado por insinuação do partido republicano, e ninguém pôde sensatamente alimentar duvidas a tal respeito.

Dir-se-ha: houve um viva sedicioso, erguido em presença do Imperador; alguém disparou um tiro contra a pessoa de Sua Magestade. Perfeitamente; que esses delictos sejam punidos, do mesmo modo, que os condemnam a reprovação geral; mas não se queira pelas inconveniencias de um ou outro individuo, que não tem noção exacta do que faz, prohibir tudo, impedir a massa geral de cidadãos de usar de direitos já adquiridos, e isto em nome de um governo liberal, de um governo de que se disse que se propõe a manter as instituições, accommodando-as ás exigencias do espirito publico, que deseja o progresso.

Parece-nos, em summa, que se está dando excessiva importancia aos factos do dia 15; que se lhes quer dar uma significação que elles não têm, e que de exagero em exagero podemos chegar a excessos que todos teremos de deplorar, quando já não pudermos evital-os.

O TIRO

Toda a imprensa da côrte e das provincias, com excepção apenas de algum jornalista de escrupulos duvidosos, proclama a nenhuma importancia politica do facto que o governo procura explorar, tirando d'elle o duplo effeito de comprometter os republicanos e arrastar umas manifestações de sympathia ao imperador.

Quanto a suporem que o partido republicano seja capaz de machinações assassinas e injuria que volta intacta para bater no face impudente de quem a inventou. O partido republicano é hoje respeitado e temido justamente por que o seu modo de proceder é reconhecidamente leal e honradissimo.

Quanto ás manifestações de estima de que foi alvo o imperador não nos pa-

desrespeitado por um insensato que lhe disparou sobre o sequito (diz o «Diario Official») um tiro de revolver. Os brazileiros lastimão o facto, eis o que ha; e fazem muito bem, porque nós os republicanos tambem o lastimamos.

Infame e criminoso é quererem traçociramente inculcar na opinião que o partido nacional, o partido onde milita mais elevada e pura a honra da patria, seja cúmplice de crimes, que serião, além de malvadez, uma completa ineptia.

O governo lembre-se de que o paiz não é tão cego como o julgão; o povo pode bem comprehender que, quem derramou sangue, comprando as consciencias aviltadas de infelizes sem fé nem lei, pode tambem explorar o odio e a paixão contra aquelles que pugão, sem desordem, pelos seus direitos e por sua liberdade.

O velho democrata Saldanha Marinho, que ainda é uma sentinella vigilante da nossa augusta bandeira, não poude conter a sua indignação. Elle que já denunciou a exploração do norte pela viagem do conde d'Eu, vem agora, a proposito do celebre tiro, varrer a testada do seu partido, e fal-o nos seguintes termos:

O ATTENTADO

«Não se pode dizer que a loucura praticada por um estrangeiro, não agremiado a politica

alguma do paiz, e menos a republicana, alarmasse a população desta capital.

Não ha tal. Todos comprehendem bem o acontecimento e não lhe devem importancia, mesmo porque não pôde ser attribuido a má vontade ou a plano sinistro de quem quer que seja.

A republica se fará no Brazil, viva ou não o actual imperante, tenha ou não successão convencional.

É um facto natural, para o qual concorrerão todos os brazileiros amantes de sua patria, e que a desejam ver desembaraçada dos entraves que o actual e detestavel systema de governo lhe oppõe permanentemente.

Na actual emergencia, os republicanos brazileiros, que constituem hoje uma nobre escola politica, e que chegarão naturalmente á realisção de seu intento, sem necessidade de insidias e menos de assassinatos, repellem para longe de si qualquer imputação a esse respeito.

Basta-lhes isto, e orgulhosos desdenham dos esforços mesmo torpes, de seus adversarios.

Rio de Janeiro, 17 de Julho de 1889.

Joaquim Saldanha Marinho.

CANDIDATURAS MULTIPLAS

DESPEZAS SECRETAS

O parlamento francez acaba de votar tanto na camara dos deputados como no senado uma medida de bom senso e grande alcance pratico, que faz muita honra á seriedade daquelle povo activo e nobre.

É hoje prohibido em França que o mesmo individuo se apresente candidato por mais de uma circumscripção eleitoral.

Está provado que essas pretensões de popularidade espalhafatosas, quando não escondem alguma trama conspiradora, assentão sobre a ostentação da vaidade ou da prepotencia, cousas que nada têm de serio e respeitavel, e que não deslumbrão senão os tolos.

Quem quizer representar a nação escolha o seu districto. Nada de abarcar o mundo com as pernas, posição insustentavel e fatigante. Esses ensaios caricatos de cesarismo-mirim ou desgosto ou deprimem a opinião.

O boulangismo charlatão, que procurava explorar em França as exterioridades de um typo que o acca-o inventou e que o bom senso repelle, perdeu essa arma que ia manejando com tanta arte e manha.

O general *reclame*, queremos dizer Boulanger, escreveu de Londres, onde se acha refugiado por lhe terem descoberto em Paris umas gentilezas compromettedoras, uma carta-manifesto na qual declara que a lei prohibitiva das candidaturas multiplas é um attentado contra o suffragio universal, e que vai protestar apresentando a sua candidatura em 80 districtos.

O homem ficou *apoplectico* com a historia; mas deve conformar-se, se quer provar que não é um conspirador nem um medalhão truanesco.

O eleitorado que não for passivo e inconsciente, o povo que souber zelar a sua liberdade e a sua authoridade não

quererão jamais prestar-se a manobras de cuja sinceridade é sempre licito duvidar.

A França, abulindo as candidaturas multiplas, não fez nenhuma restricção á liberdade; pelo contrario garantiu a nação de surpresas e emboscadas em que poderiam cahir os incautos.

Outra medida parlamentar igualmente digna de applausos foi a abolição das *despezas secretas*.

Estas duas palavras têm um bôjo tão elastico que podem conter:—escriptores assalariados que chamão pai da patria ao mesmo ministro que na vespera chamavão bruto e ladrão; desordeiros policiaes que armão rôlo, para dar á reunião mais pacifica uns ares sediciosos, que justifiquem a intervenção do *refe pacificador*; eleições impossiveis de candidatos que o eleitorado *nunca viu mais gordos* etc.

É uma verba monarchica por excellencia; os thronos que não se hazeião no amor dos povos agarrão-se ás *despezas secretas*, fonte de *dedicações entusiastas e pnegiricos ardentes*.

A heroica republica franceza quiz expurgar dessa lepra o governo democratico que lhe derige os destinos.

Regimen de publicidade e *tô fe politica*, a republica abandonou aquelle legado immoral e corrupto que lhe deixou a realcaza.

Bello exemplo, grande lição!

Nós que tão servilmente e tão sem criterio *macaqueamos* a França, tinhamos agora ensaio de copial-a com bastante proveito. Se cortassemos preventivamente as azas do boulangismo indigena e fchassemos as valvulas indecentes das *despezas secretas* só tinhamos que *lucrar*.

INSTRUCCÃO PUBLICA

A profunda desunião e discordia que livrão nas fileiras liberaes, continuão a dar os seus fructos.

Ao coronel José Bernardo que não era empregado publico, tendo preferido systematicamente a sua pobreza abnegada e cheia de sacrificios á posição num sempre independente de serventuario, ferem com a demissão dos seus amigos mais intimos e dedicados e procurão abatel-o em sua honra, chamando-o traidor e judas! Ao capm. Olegario, seguiu-se o dr. Medeiros e assim *irão todos os rebeldes*.

Agora é um liberal que sempre escolheu na adversidade os postos mais difficeis e arriscados para fazer frente aos adversarios, que temendo-o fazião no alvo de um tiroiteio horroroso de *invectivas difamadoras e calumniosas*; é

o corajoso batalhador cujo merito intellectual e cujo character inquebrantavel fazião o desespero dos inimigos e constituão uma resistencia tenaz e incançavel na defeza do seu partido; é o dr. Nascimento Castro, que se vê forçado a abandonar a directoria da instrucção publico porque, sendo liberal e dos melhores, soube collocar-se acima das desavenças pessoas, negando-se formalmente a sentar praça n'uma facção para hostilisar a outra.

A sua attitude não rureprehendeu a niogueira. Todos lhe conhecem a tempera rija e indomavel a *consideração e arranjos*; ainda quando o cumprimento de um dever de honra lhe custasse o maior dos sacrificios elle não hesitaria.

É bom que a provincia saiba que aquelle mesmo dr. Nascimento Castro para com o qual o partido liberal dizia ter contrahido compromissos solemnes e irrevogaveis, como divida sagrada de gratidão pelos seus serviços constantes e valiosissimos, foi lançado á margem porque não é bastante *cordato e ageitavel* ás necessidades não do seu partido, mas de um grupo que quer ser o senhor absoluto.

Nós, como todos os homens serios lhe damos os parabens.

Vão-se os ancis . . .

Recebemos o n.º 9 do ENSAIO periodico que se publica na importante cidade de Ceará-mirim.

O edictorial do numero que temos á vista é uma terminante e bem accentuada adhesão á bandeira republicana. Convicta e animosamente promette o collega advogar e fazer propaganda da unica politica que pôde regenerar-nos.

Com jubilo applaudimos a attitude que assumio o «Ensaio», e muito esperamos do seu esforço para ajudar-nos na ardua, porem gloriosa tarefa de levar a verdade democratica ao espirito dos nossos comprovincianos, inconscientemente explorados.

Approveitamos o ensejo para agradecer ao collega a maneira toda cortez e attenciosa por que se refere á «Republica».

NO PIAUHY

O Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, sobrinho do Marquez de Paranaguá, publicou no «Telephone» de Therezina, um manifesto republicano, que muita honra faz ao seu character e ao seu talento. O marquezado, feudo ou feitoria de seu tio, com todos os mesquinhos interesses da politica pessoal que ali exerce o dono da terra, nada valem para o Dr. Paranaguá, quando se trata dos verdadeiros e legitimos interesses de sua provincia e de sua patria.

O eleitorado republicano vai crescendo carregimentando-se naquella provincia; as adhesões apparecem cada dia mais frequentes e numerosas.

O partido republicano multiplica-se em todas as provincias. Quasi que não há legarejo, por mais remoto e obscuro, onde a ideia não tenha penetrado, tal é a auge de sympathia que a cerca e illumina.

14 DE JULHO

A commemoração cívica com que o povo fluminense honrou a França nesse grande e immortal centenario, foi uma festa de alta significação politica, pela sua sinceridade convicta e energica.

As provocações da capangagem desordeira não poderão tirar o valor dasympathica manifestação, que é o mais eloquente symptoma, de que o povo quer a republica sem convulsões, sem crimes, mas como vai sendo feita—illuminando os consciencia e os espiritos.

No «Paiz» de 15 de julho tem esse respeito um excellentes artigo, sob a epigraphe «Odia de hontem».

D'elle extrahimos os topicos seguintes:

«O que ficou muito claro, evidentemente provado, é que da parte dos alumnos dos cursos superiores e dos membros dos clubs que fizeram a sessão houve calma e prudencia extremada.

A isso se deve sem duvida não ter havido conflitos de serias consequencias, porque provocações não fallaram.

A ostentação de força publica não podia ser maior.

Pouco depois do conflito da rua do Ouvidor, foi sensivelmente augmentado o numero de praças a cavallo, percorrendo-a ao mesmo tempo quatro, que se cruzavam com outras quatro que caminhavam em sentido contrario.

De uma feita passou um piquete de vinte soldados commandado por um official.

Que o ministerio se mostrón apprehensivo com o dia de hontem, é incontestavel.

Fez de secretaria da justiça o seu quartel general, tendo sob as suas vistas, formado no largo da Lapa, o 1º regimento de cavalleria, e a porta da secretaria, sentinelas e um piquete de infantaria.

Via-se logo que, tudo estava em prevenções, que o grito de armas seria dado ao primeiro signal.

Nos quartéis esteve tudo a postos, prompto ao primeiro signal de alarma.

Entretanto, o povo estava grandemente tranquillo, e excepção feita de insignificantes grupos que certamente a policia conhece, ninguém pensava em luta, pois todos se preocupavam com a saudação amistosa á grande republica franceza.

Outra prova ou preocupação das altas regões governamentais está na ordem dada pela policia á companhia do Lucinda.

A empresa d'este theatro tinha annuciado para hoje o terceiro espectaculo em homenagem ao anniversario da tomada da Bastilha, o que é natural em companhia franceza, representando a Mascotte, e sendo cantada em scena aberta, pelas principaes figuras, a Marselheza.

A policia não quiz. Que representasse a Mascotte mas sem declaração de que o o espectaculo é em honra ao 14 de julho e sem a Marselheza.

Ainda é cedo, acha a policia, para ser entoadá a luz das gambiarras o Allons enfants de la patrie.

Se faziam questão de cantar um hymno, que cantassem um á situação.»

NOVAS ADHESÕES

Militam hoje nos arraiaes republicanos, para onde os impellem não só a sublimidade e pureza da nossa causa, como as desordens vergonhosas do monarchismo gasto e corrompido, os seguintes cidadãos, que vem engrossar as nossas fileiras com elementos de valor real.

Horacio Gustavo da Silva Pegado

José Pegado Cortez

Capm. João Rozendo da Silva

Manoel Francisco de Araujo

José Mendes da Costa Filho
Galdino Sampaio
Joaquim Torquato Barboza
José Xavier de Souza
Manoel Pompeo Barboza
Chromacio C. S. Sant' Iago.

E' possivel que não se realice desta vez a viagem do festejado tribuno Silva Jardim a esta provincia, como haviamos annuciado e tão anciosamente esperavamos não só nós republicanos, como todos aquelles que aprecião o talento e o caracter postos a serviço de uma cauza justa, embora não traduza ainda as suas convicções.

Chamado a Minas onde lhe offerecem a candidatura do 8º districto, o Dr. Silva Jardim, é forçado a seguir para o sul, adiando a sua excursão, que entretanto promete realizar, ogo que lhe seja possivel.

Nos occuparemos ainda mais detidamente deste assumpto, para o qual nos faltão, á ultima hora, espaço e tempo.

CORRESPONDENCIA DA "REPUBLICA"

Rio, 19 de Julho de 1889.

Querendo agora dar-lhe algumas das principaes occorrencias, que mais directamente possam interessar aos seus leitores, começarei por accentuar,—que a idea republicana aqui nas provincias do sul tem tomado tal corpo e ascendencia, durante estes dois ultimos mezes, que a todos parece muito proximo o advento de tamanha revolução politica!

Quem vive ahí nesse canto do munda brasileiro, privado de correspondencia com o resto do patz (todos sabem que nesse porto não entram siquer os vapores que daqui vão...) não poderá, certamente, ajuizar do que se vai dando em larga esphera nas provincias do Rio de Janeiro, de S. Paulo, Minas Geraes, Rio Grande do Sul, etc. sobre a propaganda republicana! Chamo a sua attentão para os telegrammas, diariamente publicados, nas folhas desta corte, donde verá, que as adhesões, os clubs, as conferencias, as manifestações vem de todos os lados com uma frequencia, que excede á mais esperancosa expectativa!

No Rio Grande do Sul, não ha chapa conservadora para o pleito de 31 de agosto, por assim dizer: a luta já será entre monarchistas e republicanos, porque o ex-deputado Silva Tavares, chefe conservador, adheriu francamente á republica.

Pena é, que os restos deste partido, hoje impossivel de existir, sem mais homogeneidade nem bandeira, não tomem a resolução identica em todas as provincias do imperio. A sua existencia, repitamos, é um impossivel, porque se acha reduzido á pedacos esparsos, e impossiveis de futuras combinações. O sr. Paulino mantem um terço no Rio de Janeiro, e segundo a sua circular deste mez, já não exclue a idéa nova da republica, considerando a resistencia, como um impossivel;—o sr. Antonio Prado, director de outro terço em S. Paulo, é federalista, isto é, quer a republica amanhã, apenas com este pequeno intervallo... O sr. João Alfredo, o chefe do norte,—nem mesino sabe o que quer diante das circumstancias em que a coroa trahida não se declara republicana por certo, por não, por sentimentos contrarios.

Em toda esta situação de...

antes, de indecisão, vae dar guerra ao governo nas proximas eleições; porque, quanto de um lado o partido republicano em algumas provincias ensaia-se, apenas, agora, a obra bastante para vencer, de outro, a obra dos conservadores tambem contibua a ser posta. E' certo, todavia que os partidos estão divididos profundamente; por cá e por lá, mas só districto a que não concorram candidatos do mesmo partido! Si não fosse o poder, que vae contendo-os, a sua decomposição não se mostraria menos patente do que a dos conservadores.

Seja, como for: a verdade, a consciencia de todos é,—que os tres partidos,—liberal e conservador, finiarão com este governo,—podendo existir ainda por pouco tempo os novos,—republicano e monarchista—depois, não care, querão ou não, será a republica brasileira, e isto mais proximo de que todos suppunham.

Vi aqui por telegramma a designação dos candidatos republicanos dessa provincia. Fizeram muito bem: é preciso accentuar a sua existencia entre os outros partidos, sejam quantos forem os votos recolhidos.

O nome do dr. Pedro Vello estava imposto pelas suas qualidades, pelos seus serviços e pelas circumstancias; não houve aqui um só norte-riograndense que não applaudisse.

Festejou-se aqui o 14 de julho: a festa esteve imponente, e sobre tudo a mocidade revelou-se de uma coragem assombrosa. Nesse dia o governo mandou, por assim dizer, espalhar o exercito pelas ruas (mas d'esta nós nada recebemos...) e até mandou a sua guarda secreta atear aos muros academicos. A refrega, porém, foi honrta: durante 5 minutos, a detonação e o ruído de uns 150 tiros de revolver pozeram os assaltantes em fugida vergonhosa... O governo achou prudente retirar-se satisfeito com a posição ordeira dos academicos.

Outro facto de maior commentario foi o desacato ao Imperador: leia-o nos Jorrais, a datar de 16 deste, sobre os pernoites—Ninguém esperava que o velho Monarcha soffresse tal; e até supõe-se, que foi um meio indigno de tornar menos sympathica a causa republicana! De tambem deve lembrar-se, que esse facto...

Comemoração do Imperio II, elles nada querem: a sua conta á liquidar será com o proximo terceiro reinado...

Em todo caso é bom acrescentar, a impressão que o facto produziu, não foi a grande indignação, que se vê dos telegrammas e da imprensa:—a verdade é outra: houve até indifferença demais!

Como verá, o chefe de policia daqui prohibiu vicia a republica, etc [edital publicado a 18 deste mez]... Mas não se tomou a serio...

Tavez por lá só tem um chegado as noticias de ovações ao conde d'Eu pelas provincias do norte... Pois, meu caro, para aqui tem vindo cousas do arco da velha: no Ceará, no Maranhão, no Pará—ao meio das festas de encumbramento do governo, appareceram panfletos caricaturas, biographias—enfim, tudo quanto serve para desmoralisar esse estrangeiro, que pretende ser o nosso imperador; de maneira que os republicanos consideram a viagem d'elle ao norte, como uma propaganda republicana. Por, por assim dizer, accorder o leão que dor...

Fallei, ha pouco de proposito, a publicanos para a defeza; devo, pois, acrescentar: o mob d'ordre é esta: não provoca a violência, mas repenir com elle, o que der...

CABALA IMPERIAL

Nas provincias os candidatos piseiam com ares de promessa ou ameaça os presidentes eleitoraes; o ministerio vai mais longe, arrasta o Imperador alquebrado e simi-demente aavez da fermentação ante-monarchico do povo mineiro.

O conde d'Eu não corresponde á expectativa; a sua excursão nem foi tão triumphal nem tão favoravel á dynastia como insensatamente e esperava o...

governo. Os effectos do tiro não forão tão grandes como se desejava; a honra dos republicanos ficou immaculada. Não agora explorar directamente a presença do imperante entre os povos rebeldes.

S. M. o imperador segue para Minas afim de assistir a inauguração do ramal de Ouro Preto, annuncia o telegrapho.

Tenha boa viagem o velho principe enfermo; mas em quanto o trem imperial desliza nos raies, caminho da capital inconfidente, reflecta o povo sobre o que pondera o eminente redactor do «Diario de Noticias» acerca da viagem do Sr. D. Pedro II.

Ruy Barboza, depois de salientar coincidencias historicas, entre a viagem cheia de desenganos que empreheo a Minas o 1º imperador e a projectada excursão do actual imperante, termina o seu artigo magistral e eloquentissimo com as considerações que vوستranscrever:

.....«Tão generosa quão independente, tão humana quão intrepida, tão sã no coração quão estoica no caracter, Minas receberá de certo o Imperador com a complacencia e a piedade, a que tem direito os annos da anciação, e os soffrimentos do valetudinário. A decadencia physica e moral deste principe, cuja velhice é a velhice da monarchia, infunde esse respeito, q'emanada das ruínas, senão pela reminiscencia de um passado bemfazejo, ao menos pela lição de uma experiencia desgraçada. Federalistas e liberaes deixarão passar o sequito do augusto doente—Não amarrotarão as flores, com que se ornou as illusões d'essa agonia. Ellas tem na physionomia festiva a tristeza dos condemnados alegres na incoscincia do seu destino. Depois de viver pela corrupção, a realza explora por ella. Parece convertida em *lithere do systema*, a que devon a sua viciosa longévidade. Os racimos enconimendados, com que vae deixar-se engrinaldar pelas mãos de seus ministros, são a corôa da sua imolação ás impurezas do regimen, que ella creou, e que a vae amortallar.

Nos paizes onde impera francamente a monarchia, os ministros, que não devem essa importancia senão a importancia de chefes de partido e aos seus vinculas directos com o povo, abstem-se de tumultuar a administração, subornando o electorado a suas funcções publicas; mas não hesitam em dirigir pessoalmente os clubs publicos, em participar com a presença e a palavra nas assembleas populares, em lutar com os cidadãos, com as simples armas de cidadãos pela preponderancia dos seus candidatos. Aqui, onde a corôa é quem dá as presidencias de conselho, um ministro que levantasse a voz em concilios electorales, incorreria nos reparos fatidicos do throno, que aliás lhes dá carta branca para as derrubadas administrativas. A legitimidade, d'esses contrasensos, a curialidade dessa inversão já passos entre nós em julgada. Mas o que nunca se imaginara, é que o proprio sceptro descesse até a pollução da cabala, é que a familia imperial se dispersasse em viagens de eleição, é que o Imperador embarcasse em pessoa nas allações dos seus conselheiros contra a sinceridade do escrutínio.

Quando o ministerio 6 de junho se batia pela emancipação dos escravos, Sua Magestade não consentia que se movesse um cabo de destacamento, sem azoinar de admoestação os ministros. Ao ministerio 7 de junho, por n, em odio á federação, se permite remover em longa peregrinação pelo norte o esposo da herdella presumptiva, e estadeat em passeio eleitoral ao sul o proprio chefe do Estado.

E' a primeira vez que a galopinagem eleitoral põe na cabeça a corôa imperatoria.

Do sangue vertido na Bahia em arrhas á realza, do fausto arrastado em Minas como feilicria contra a agitação republicana, do artificio dos auxilios á lavoura, armadilha a essa classe, rotulo para encobrir a conjuvação ás candidaturas officiaes, espera o gabinete plasmar á imagem dos seus interesses a camara de 1889, a que o wapolismo utilico dará depois a ultima demão, para vir consolidar, sob uma bruniçura de liberalismo, a monarchia cortezã, rebuçada nas fórmulas da monarchia representativa.

Minas, a austera, a incorruptivel, a inspirada no genio indomito dos seus serras, a vestal das tradições de 1817 e 1831, verá passar com desdem o prestito da domesticidade imperial e com dô as muletas do imperialismo invalido, a cujo transporte melhor quadrará a lleira do que a locomotiva. O appello á mendicidade dos arruinados, ou dos avidos, não lhe prostituirá o civismo.

A sombra de Tiradentes ha-de protegê-la contra as seducções do neto e da bisneta de d. João VI.

O sr. visconde de Ouro-Preto prepara á realza a sua ultima decepção. O concerto palaciano celebrado sob as crepencias do congresso liberal, que encenou o prologo a esta revolução da corôa, vae ler a sua marcha ovante e os seus trophéos de papelão agalado. Mas os factos mostrarão que s. ex. é o peor inimigo da monarchia.

A federação acorda 1831. A historia repete-se...

SOLICITADAS

“A REPUBLICA”

O apparecimento da «Republica» na cidade do Natal é um facto que, pelo amor que consagramos a nossa cara e infeliz provincia, faz jus a nossa leal e dedicada adhesão.

Quem, como nós, era obrigado a viver no silencio, ora por não poder sustentar uma folha que defendesse os direitos de seus concidadãos diante dos erros e desmandos dos dois velhos e estragados partidos da monarchia, ora por não querer passar pela decepção de ver seus escriptos devolvidos pela redacção de certas gazetas, por envolverem ellas umas tantas verdades allusivas á supposta susceptibilidade de algum *liberalengo*, ou conservador *casquado*, não pode deixar, ao ler a «Republica», de sentir as explosões de alegria invadirem lhe o coração, oppresso pela descrença que nos tem legado a realza irresponsavel e hereditaria!

Felizmente a existencia de um orgão que traduzisse francamente as ideias do grande partido nacional, nesta provincia, de um sonho, ou de simples aspiração tocou á realidade, a despeito mesmo da organização da *guarda negra* de antemão preparada, não só para o quebramento das typographias em que fossem impressos os jornaes republicanos, como tambem para o tolhimento da palavra dos insignes propagandistas que, á custa de sacrificios enormes, procuram a regeneração da patria brasileira.

Já agora não é mais dado ao sr. Ouro Preto, nem a outro qualquer que se veja cercado do falso prestigio do *reimpingir nos* o governo da princeza Izabel; porquanto, uma vez manifestada a vontade do povo relativamente ao terceiro reinado, não podem os adeptos da monarchia inventar forma alguma, quer *rasoavel*, quer despotica, que venha abafar os assomos justos de revolta que prorompem do seio da nação indignada.

Hontem era o sr. João Alfredo pilhericiando com o sr. Penido e *duvidando* do movimento republicano, muito embora vissemos transparecer por entre as suas *chulas* o pronunciado vestigio do receio de que se achava s. ex. possuido.

E para prova do que fica dito ainda está na memoria de todos o levantamento da *guarda assassina* no dia 30 de Dezembro.

Hoje é o ministerio de 7 de Junho que *entrega* a ruina que ameaça a Constituição, mas *promette* conjurar todos os males e perigos!

Não ha que *duvidar*, são ineptos, ou tartufos!

Quando se acham na opposição mostram-se muito experientes a respeito da politica do paiz, mas no poder parecem confusos, ou *destumbrados* ante a luz *metalica* do throno!

Seja como for, o certo é que está firmado no Brazil o partido republicano e esta provincia não foi indifferente ao grande acontecimento.

Por ora limitamo-nos a estas ligeiras considerações.

Parabens ao dr. Pedro Velho!

Parabens ao Rio Grande do Norte!

Assú, 24 de Julho de 1889.

Arthur de Macedo.

Um — dois — tres... passe

I
Para garantir a liberdade do electorado, que a opposição *pretende corromper*, chegou-nos uma tropinha de 30 praças com 3 officiaes; pedir-se-ha mais, se o cidadão republicano, conservador ou *liberal insurrecto* precisar ainda de maiores garantias.

II
Os candidatos geraes pelo 2º districto não são 50 como erradamente se propalava; são apenas 9, entre graúdos e miúdos...

III
A distribuição do dinheiro e da farinha dos socorros está sendo feita equitativamente—metade para matar a fome dos retirantes, e metade (esta sempre mais puchada) para as necessidades da politica. Presidente catão é desfructe; até salvar as apparencias se considera dispensavel.

Depois de 31 de agosto o governo será menos solícito em *proteger* as provincias flagelladas pela sêcca.

Talvez ainda se arronje uma philantropiasinha lá para dezembro, se houver eleição provincial. O mais prudente, porém, é aproveitar, enquanto o *Braz* é *thesoureiro*...

Um feitor volante.

LEILÃO

Com a presença do respectivo Consul e mais interessados vão sendo arrematados no edificio da Alfandega os salvados da barca—*Mary A. Greenwood*—ultimamente naufragada na costa desta provincia, constantes de kerosene, feragens, mobilia, variadissimo sortimento de conservas e muitos outros artigos procedentes dos Estados-Unidos.

A REPUBLICA

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

ASSIGNATURAS
Para dentro da provincia por
anno—5:000rs Para fora do.

Redactor-chefe—Dr. Pedro Velho

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

Natal—segunda-feira, 19 de Agosto de 1899

Não tendo nós poupado esforços e sacrificios para o apparecimento regular da REPUBLICA, pedimos aos nossos assignantes, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, se dignem fazel-o, ou directamente no escriptorio da redacção, ou por intermedio dos nossos agentes.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs. o numero, em casa do Sr. Manoel da Veiga, na cidade alta; e em casa dos Srs. G. Junior & C. no bairro da Ribeira.

São agentes d'A REPUBLICA com authorisação para agenciar e cobrar assignaturas, receber qualquer communicação que interesse ao partido republicano e attender ás reclamações que appareçam por parte dos nossos correligionarios e assignantes, os seguintes cidadãos :

1.º DISTRICTO

Ceará-mirim—Felixmino Dantas.
Touros—Juvencio Tassino.
Macajuba—Francisco Muniz.
S. José—Manoel Feliciano de Souza.
Araçá—João Pegado Filho.
Goianinha—Luz Candido.
Canguaretama—Olympio Tavares.
Nova-Cruz—Francisco A. Correia.
Santa Cruz—Thyophilo Ovaldo.
Macáú—Joaquim Virgolino de Souza.

2.º DISTRICTO

Angicos—José Rufino C. Pinheiro.
Assú—Arthur Napoleão S. de Macedo.
Príncipe—Presidente do C. Republicano.
Imperatriz—Manoel de Souza Pereira.
Mossoró—Manoel Virgolino Cezar.
Apody—Capm. João Nogueira de Lucena.

CANDIDATURAS REPUBLICANAS

Na reunião republicana de 14 de julho foram eleitos, em escrutínio previo, para candidatos do partido nas proximas eleições gerais de 31 de agosto :

1.º DISTRICTO

Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão—Medico—Residente em Natal.

2.º DISTRICTO

Jose Leão Ferreira Souto—Empregado publico—Residente no Rio de Janeiro.

João Avelino P. de Vasconcellos
Secretario do Directorio.

A REPUBLICA

AO ELEITORADO DO 1.º DISTRICTO

O Congresso Republicano reunido a 14 de julho designou-me para candidato do 1.º districto, nas proximas eleições gerais.

O partido republicano aproveita o ensejo para afirmar a sua existencia, levando ás urnas o nome de um correligionario. Que o escolhido para tão alta e significativa prova de consideração e apreço seja o menos digno—o obscuro signatario destas linhas—isto em nada attenua o merito de tão digna e patriótica resolução.

O que vale no momento actual é provar que existimos.

O nome suffragado e o numero de votos são questões subalternas.

O essencial é desmentir e repellir as calumnias—que o republicanism no grande é inconsciente ou despojado, e que não tem vitalidade para apparecer nas urnas. Devemos provar que as adherções que a ideia tem conquistado na provincia tem por unico movel a convicção mais firme e inabalavel.

Nós não podemos fazer coroneis nem amanuenses, mas em compensação temos a vantagem de poder dizer cheios de orgulho que servimos a patria, não pelo gozo do poder, mas despreocupados dos nossos interesses, só pela felicidade commum, pelo bem publico. Devemos provar que o ideal republicano é desinteressado e puro.

O leilão das consciencias, pregado ao pobre povo ignorante como um peccado venial, não o repellimos completamente, lastimando esses processos electoraes indecentes e aviltantes, que corrompem o animo dos fracos e dissolvem o sensorial nas consciencias incultas.

O valor que pode vir a ter o nosso partido na provincia, a influencia e prestigio que pode conquistar a ideia republicana dependem menos do brilho e da eloquencia das palavras do que da retidão e pureza das consciencias.

O caracter cívico na sua expressão mais elevada, eis a garantia do nosso successo.

Se juraes no meio de tanta corrupção politica que a perseguimos e nos dá grada uma excepção e um protesto.

Como candidato do partido não posso allegar meritos e actiões, que sou

o primeiro a reconhecer que não possuo. A escolha do meu nome, de pouco valimento, para alvo dos suffragios republicanos na eleição de 31 de agosto acceto-a com reconhecimento, mas sem vaidade. Uma cousa, porém, vos affirmo, e de certa maneira me consola: *Podem faltar-me, como effectivamente me faltão todos os dotes do espirito—nem talentos, nem saber; mas a sinceridade e o desinteresse são qualidades que presumo possuir, sem receio de que me desmintão.*

O que tenho feito em prol da ideia, valendo-me, graças á imemorada generosidade dos meus correligionarios uma certa proeminencia no partido republicano da provincia, não tem absolutamente outro movel que não seja a convicção mais firme e mais desinteressada. Nenhuma ambição pessoal, nenhuma pretensão marcia a lealdade dos esforços de toda sorte que tenho empregado na direcção da propaganda, emboaldas elementos que exige a posição difficil de centro director do movimento—encargo que outros mais digna e mais proficuamente poderião estar exercendo.

Esta provincia nada tem de monarchista. A ideia republicana ha de ganhar terreno rapidamente, apesar de todos os tropeços que pretendão oppôr á propaganda. Hoje, além da doutrinação democratica, outro elemento vem contribuir de modo poderoso para engrossar as nossas fileiras, á custa dos honens honrados, que não supportão de boa vontade a asphyxia da corrupção. Ainda quando, para convencellos, faltassem razões politicas e motivos sociais, bastaria o espectáculo vergonhoso do esphacelamento e dissolução dos partidos monarchicos, para lhes fazer comprehender que o seu posto é no partido que não pretende conquistar o poder pelo poder, mas servir a patria pela patria.

Nós somos uma minoria apenas apparente. As resistencias que a opinião offerce contra a Republica não tem raizes solidas.

Os liberaes vão desfructar o poder enquanto o pão vai e vem...

Os conservadores, muitos delles dão um salto mortal para a federação.

A canara que se vai formar não será melhor nem peor do que a do B. de Cotigipe. Pão para toda obra, é o que quizerem della. Será pró ou contra a federação, monarchista enragè ou simi

revolucionaria, segundo as circumstancias, do mesmo modo que a outra, sendo eleita para a resistencia escravista, fez a lei 13 de maio.

O partido republicano ha de mandar para lá as suas sentinellas afim de assistir ás sorpresas.

As promessas do governo já todos sabemos o que valem. Estamos fartos de ouvir os, os nossos estadistas monarchicos verberantes da indignação contra o governo pessoal, e logo depois de chamados ao poder tão áulicos e subser-vientes, que parecem mais realistas que o proprio rei. Na opposição profligão todos a carta que Pedro 1º fez para si e seus descendentes—mascara do despotismo imperial—que nos offerece a comedia da divisão dos poderes, quando a dependencia de todos esses poderes á intervenção da corôa, desprestigia-os e avassalla-os. No poder, porem, os nossos partidos monarchicos achão que aquillo é a arca santa das nossas liberdades; e os editaes da policia ameação os herejes que claudiquem no culto do dogma immutavel e sagrado do monarchismo.

Entretanto a verdade que ninguém em boa fé pode desconhecer e negar é que a absorção de todos os elementos do governo pelas prerogativas da coroa constitue um embaraço permanente e incorregivel, para uma administração moralisada e sèria.

A sinceridade do partido não pode ser mais acreditada depois que elle abandonou o seu antigo principio, tão solemnemente exhibido no momento da queda, para retrahir-se agora como estamos vendo. Ou foi de uma levian-dade indiscreta, ou captulou deante dos interesses da dynastia, esquecido do seu papel de partido democrata e popular. E em verdade, como servidores do throno, não podião deixar de apostathar da sua bandeira.

«Monarchia federativa, diz o benemerito propagandista Silva Jardim, é coisa absolutamente impossivel, pela razão de que a monarchia supõe fatalmente um só dominio, um só centro; não admitta a independencia do poder local, pois onde existe esse poder local não existe monarchia.»

A democracia verdadeira, a genuina soberania do povo não é compativel com o imperio. A coexistencia das duas forças é impossivel.

«Para a victoria da soberania popular, diz Q. Bocayúva, seria necessaria a revolução; para a victoria da soberania imperial seria necessario o despotismo.»

O pessimismo sincero ou calculado de alguns repete com áres sabedores que—pouco importa a forma de governo, uma vez que o povo nos seus costumes e na sua educação continúa a ser o mesmo. Esqueçam ou fingem ignorar que é justamente a monarchia que nos impede de progredir moral e materialmente, formando na paz exterior e na ordem interna o que constitue o ca-

bedal de uma nação livre. O imperio é um governo pessoal que suplanta e aliena todas as energias expansivas do paiz, desde que estas se oppõem ás suas conveniências e privilegios, e uma dictadura mais ou menos franca, onde a nação toda se acha á mercê de um individuo.

A familia imperial! Procuraõ a todo transe manter na mente pópular o fetichismo estúpido de que aquella gente é alguma cousa sobrehumana, diferente e superior ao resto da população.

O que se chama decoro da instituição monarchica não é o valor e o merito dos principes, è o apparatus da subser-viencia; quanto mais junciflexos estiverem os subditos mais poderosa será a monarchia.

Que o povo venere os seus herôes e os seus martyres è natural e legitimo; mas que se curve ante um sujeito qualquer pelo simples facto do seu nascimento è degradante!

O governo nas proximas eleições pretende mostrar a S. M. que o povo livremente consultado ainda lhe guarda a fidelidade e obediencia necessarias á garantia de sua familia. Mas essa farça tantas vezes representada cahio n'um descredito lastimavel e incapaz de reabilitação, ao menos pelo actual systema eleitoral.

Os partidos que a vontade e o capricho imperial chama ao poder nunca se preocupão com as pequenas provincias, onde o governo não encontra opinião que lhe resista.

A corrupção do eleitorado pelos favores officiaes pode fazer com que seja hoje tão grande o numero de liberaes como era o numero de conservadores ha bem pouco tempo.

Acresce ainda que na quadra actual, alem de se poder acenar com as patentes e os empregos, poda-se explorar tambem a fome e a miseria.

Mas nada disso nos convence de que o abatimento das consciencias seja universal e irremediavel. Ainda existe muita moralidade que não claudica nem se deixa suplantar.

Os votos que me concederem os meus comprovincianos não significão prestigio ou influencia pessoal que não possuo; mas podem e devem ser um protesto contra a tyrannia das personalidades authoritarias, e uma prova de que as idéas e os principios ainda não são letra morta.

Por pouco que façamos no pleito eleitoral a nossa presença na scena politica é sufficiente para significar uma victoria, a mais elevada e nobre das victorias—a affirmação da dignidade, o respeito e o decoro das nossas crenças, a fé inquebrantavel de que o futuro pertence á Republica!

Natal, 12 de Agosto de 1889.

DR. PEDRO VELHO.

ADHESÕES

Recebemos para publicar a declaração infra, muito significativa por serem ex-liberaes os dignos signatarios, que espontanea e livremente vêm militar nas fileiras republicanas. Pertencentes a briosa classe dos agricultores, os novos correigionarios que o partido recebe com prazer não serão certamente os unicos em cuja consciencia ha de entrar a sublime aspiração da verdadeira democracia:

«O mar da democracia cresce e cresce tanto, que o nivel de suas aguas ja chega a todos os corações, banhando-os na verdadeira liberdade, fazendo-os palpitar de amor pela patria.

Declaramo-nos portanto francamente, no sentir e no pensar, pela Republica Federativa Brasileira.

Ceará-mirim, 7 de agosto de 1889.

Capm. Bonifacio Vieira de Pouveia
João de Souza Monteiro »

O documento que segue é de grande valor, e prova a desordem e leviandade com que é feita a cabala. Não é conveniente contar sem mais nem mais com a docilidade dos eleitores.

A conquista dos republicanos não é tarefa tão simples. Nós podemos ter algum Lafayette que nos illuda, mas estes não nos deixam saudades, porque para preencher o claro de um transfuga infeliz hão de sobrar dezenas de homens de bem, sinceros e convictos.

Eis o documento a que nos referimos:
«Constando-me que alguém se compromettera pelo meu voto com um chefe liberal, julgo do meu dever, para arredar qualquer suspeita que se possa fazer de mim, vir declarar pela imprensa — que continuo firme nas fileiras republicanas em que me alistei, e que ninguém estava para aquelle fim autorizado. Natal, 6 de Agosto de 1889. — Joaquim Ferreira de Mattos.»

—Temos ainda o prazer de registrar as seguintes adhesões:

JOSE IGNACIO BORGES.
FRANCISCO DE PAULA MEIRA.

De Angicos recebemos o seguinte telegramma, que é de maior importancia, pela gravidade dos factos que denuncia:

«Angicos, 4 de Agosto—«Republica»—Natal—Até hoje ainda não deram principio trabalho a-cude. Dinheiro e generos nas mãos de José Theodoro que aguarda proximidade eleições afim applical-os na compra de votos! Indigentes morrendo á fome. Em nome do povo pedimos energicas providencias que ponhão cobro a tão enorme immoralidade. —Francisco Saverino dos Santos Leal—Luiz Pinheiro de Vasconcellos.»

E' bôa....

Extrahimos da Provincia de Minas:
«Qualquer conservador que commetter a baixosa de, por especulação miseravel, se declarar adhezo ao partido dominante — terá seu nome estampado em letras salientes, neste jornal, que para isso transformará uma de suas columnas em PELOURINHO PARA FLAGELLACÃO DOS MISERAVEIS. E' o castigo merecido pelos re-negados.»

A Provincia de Minas faz bem em applicar esse poderoso castigo ás consciencias em supuração. Os partidos que nos tem governado crescem e mingnam mais á custa da celebre columna pelourinho do que pela força das idéas.

O CONDE D'EU

O Rio Grande do Norte é absolutamente indifferente á passagem do *consorte* por esta capital.

O mundo official—e todos sabemos que, directa ou indirectamente, grande parte da nossa população é official—há-de *sujeitar-se* a recebê-lo, figurando nos cortejos como *sustentáculos inabaláveis* do 3.º reinado.

No íntimo sentem todos o desejo de dizer ao príncipe: O sr. não conte com sapatos de defunto, não espere ser jamais imperador do Brazil; nós mesmos que aqui estamos nesta estúpida massada a fingir respeito por sua *illustre* pessoa, assim que o amigo virar as costas, havemos de desenvergá-lo as casacas com um suspiro de alívio, desejando que não se lembre mais de nós para nada, prometendo fazer-lhe identico obsequio.

Viajantes illustres toda gente deseja; mas illustres a valer, pelos seus meritos intrinsecos, e não por ser *genro de seu sogro*.

Não censuramos o governo pelo esforço que tem empregado afim de deslumbrar o *sul* com as *ovadellas entusiastas* que o conde vai recebendo *pelo norte*. Elle, o pobre conde, é que, chegando á casa, há de dizer, torcendo a orelha:—Foi uma triste e infeliz ideia esta de me mandarem consolidas o *throne*, com a minha augusta presença nas provincias septentrionaes. Aquillo é uma corja; não comprehendem a sublimidade da instituição. Uns selvagens; quase me desilludirão.

Sabendo da viagem da esposa e do sogro a Minas—aquella esplendida cabala coruada, como diz Ruy Barbosa—S. A. telegraphou á *pluieça* imperial, desejando que *fossem felizes*. Não acrescentou no telegramma, mas com certeza foi dizendo consigo:—Isto por aqui foi um desastre; não arranjer na consciencia dos povos do norte nem um canibão oude abrigar o futuro da familia. Nós diffinitivamente estamos na sobremesa desse banquete real na terra dos botucudos. Vôvo Pedro 1.º servio a sopa; papai Pedro 2.º está servindo o café. Aos netos não hão de ficar nem os ossos.

Quer governar-se por si, e está pedindo com muito bons modos que a dynastia chegue-se um bocadinho para lá, afim de poder a nação dar algum passo á frente no caminho do progresso. Na escola da democracia americana somos ainda uns calouros bisonhos, e isto os envergonha, eis o que há.

E tome S. A. nota do que lhes dizemos, que talvez em breve nos mande o recado seguinte:—V, homem, linha razão; aquelle foguetório todo e os brindes e as misuras deo tudo em droga: virarão todos republicanos os malvados. Ao menos V, sem me dizer grandes desaforos, fallou-me com franqueza: mas os pandegos dos manifestantes parece que nunca me virão. E eu tão tolo que lhes arranjer com o papai uma chuva de mercês e graças.

Ingratos. Tive uma rainhina da «Republica» naquella occasião, por que não me pareceo bastante mente respeitadora da *soberania inviolabilidade*, da monarchia, mas agora vejo que era verdadeiro e serio o que me dizia!

Quem me avisa meo amigo é.

Ameaças, compressão, tudo será baldado. Hoje nem o massacre dos republicanos poderia enfraquecer a corrente da opinião.

A mesmíssima sorte da escravidão espera a monarchia:—abolição, immediata e sem indemnização, em outro 13 de maio tão festivo e tão feliz como foi o primeiro.

Estas reflexões feitas sem paixão e sem acrimonia, creia S. A. que são o espelho do pensamento mais ou menos claro, mais ou menos recondito de toda provincia. Chegando á corte o imperial illucante vai encontrar uma reacção damnada contra os republicanos, e por isso mesmo há de encontrar muito maior e mais forte o partido perseguido. Cercado de ameaças, lutando até contra a calumnia, mesmo assim e apesar de tudo a grande aspiração nacional será em breve praso uma realidade.

A FORÇA DO RIDICULO

Havia na escola de medicina do Rio de Janeiro uma instituição venerada—um taboleiro de laranjas, assostado em frente á entrada geral, ao lado do arsenal de guerra.

A Sabina, velha preta bahiana, que a fundou, há mais de 20 annos, já morreu, levando para o túmulo as recordações das valas, que á sua vista *chupardo* os lentes actuaes, sem mesmo exceptuar o conde vice-rei, antigo calouro Caudio Velho; substituiu-a sua patricia GERALDA, que já começando sua carreira gloriosa, quando o subdelegado do 1.º districto da freguezia de S. José entendeu mandal-a á posteridade.

Depois dos vergonhosos acontecimentos de 14 de julho, em que a horda desordeira, que a policia corteza tem a seu soldo, figurou no ataque brutal dirigido em plena rua do Ouvidor contra os estudantes das escolas superiores, que acabavão de festejar a grande data passou um dia em frente a escola de medicina o carro da princeza imperial, levando-a ao paço da cidade.

Houve nas visinhanças da escola quem desse gritos isolados, á moda de soldado que brada ás armas. Tanto bastou para que os louvaminheiros da monarchia accusassem os estudantes de haverem valado uma senhora.

Como não houvera o grito sedicioso de *viva a Republica*, o subdelegado da freguezia, ainda sob a influencia das bravatas do dia 14, não podendo metter os rapazes na cadeia, resolveu infligir-lhes um castigo, á sua vista muito simples, mas de uma importancia transcendental para elles—suprimir-lhes o ponto principal de ajuntamento, prohibindo que a GERALDA vendesse laranjas.

Subdelegado, para que o fizeste! Foi mesmo que bolir n'uma casa de *maribondo*; a escola inteira agitou-se, como não o faria se toda fosse para o *chilindro*.

Subdelegado audaz que derrocaste uma instituição legendaria! has de pagar caro a ousadia da prepotencia! bradarão os estudantes *una voce*. Mas como? com uma acção judicial? com um *meeting* de indignação no largo da Misericordia? com um protesto solemne nos *a pedidos* das gazetas? com uma representação ao parlamento? Nada disso;

uma *ovadella* em re-
a *ovadella* em re-
a *ovadella* em re-
a *ovadella* em re-

No dia designado a escola em pezo, á vista dos lentes, que rião-se a bom rir, formou-se em procissão, empunhando cada alumne uma bengala, guarda-chuva, ou simples vara de maracujão, em que donrada reluzia aos raios do sol, uma laranja. Na frente seguia um levando uma vasoura, de cujas palhas pendia rica coroa entrelaçada de bananas, pepinos, ahoboras d'agua, chuchus, tomates e fruto prohibido e em cujo cabo pendurava-se um quadro allegorio, pintado a lapis, representando o esqueleto da Sabina a arremessar laranjas sobre o subdelegado, que fugia apavorado.

Para dar maior brilho ao prestito marchava tambem a GERALDA, cefeitada á bahiana, levando ao pescoco um collar de cascas de laranja e precedendo todos a charanga mais original, que i-maginar se pode—uma orchestra ambulante, que diverte os meninos nas ruas da cidade e composta de dois musicos, chamados *homens dos 7 instrumentos* [por que carregão sobre o corpo bumbo, pratos, guizos, o diabo a quatro] e mais uma mulher que toca pandeiro e dois italianos barbados, que puchão galias de folle.

A procissão desfilou em frente á residencia e a estacão do subdelegado, voltando triumphalmente á primeira pela rua do Ouvidor, aos brades entusiasticos de—*viva o subdelegado! viva o destruidor das laranjas! viva o fructo prohibido!* etc.

Ahi n'um lampeão da illuminação publica, postado em frente da porta, foi pendurada a coroa, tecida em homenagem ao illustre sr. Jacomo d'Azzali, que com ella forçará á posteridade, como uma legenda de espirito academico e um exemplo aos subdelegados vinulos e por vir. A famosa autoridade mantem ainda a sua ordem, para cuja garantia foi pedir auxilio ao chefe de policia, que, segundo corre, disse-lhe que se considerasse recompensado de todos os seus sacrificios e desistisse de todas as aspirações terrenas, immortals como se achava.

Consta que o homem caprichou e pediu demissão. Até a data porém em que sabio do Rio o paquete, que nos trouxe á impagavel noticia, a demissão não linha apparecido.

Estamos informados de que os estudantes achão-se dispostos a fazer a restauração das laranjas por meio de festas como essa, que acabamos de noticiar, caso continue em exercicio o celebre subdelegado.

O canticco de guerra dos endiabrados rapazes é hoje uma parodia do verso de *Bazan*:

*E até com risco de vida!
Viva a fructa prohibida!*

Disse-nos aqui um monarchista bem informado que o sr. conde d'Eu, grato á dedicacão de tão extremado sustentaculo das instituições, que infelizmente nos regem, em chegando ao Rio de Janeiro baixará um *ukase*, nomeando-o administrador.....honorario(0 conde só confia em si).....e sem vencimentos dos corticos imperiaes.

Deus ajude o *subdelegado*.

COUSAS DA PROVINCIA

AS SALINAS DE MACÃO

Entre as fontes de riqueza de que dispõe esta provincia occupão lugar importante as salinas de Macão—uma verdadeira mina, um opulento thesouro com que á natureza prodiga nos dotou.

A industria salinera é por si só capaz de augmentar em milhões annualmente a fortuna do Rio Grande do Norte.

As salinas que possuímos em Macão, pela excellente qualidade do sal que produzem e pela sua vastidão quasi que não tem superiores no mundo.

Ellas medem cerca de 80 kilometros de extensão, sem incluir Guamaré, onde existem mais uns 20 kilometros.

Estes são os terrenos facéis que não dão trabalho á exploração; mas afora elles existem ainda outros muitos igualmente proprios ao fabrico do sal, e que não tem sido aproveitados por ficarem um pouco distantes do porto de embarque, inconveniente facilmente remediavel, se os exploradores tivessem recursos para estabelecer linhas de trilhos portateis.

Actualmente a produção annual orça por uns 4 milhões de alqueires de 40 litros, nos poucos terrenos até agora aproveitados. Mas nestes mesmos terrenos a produção podia treplicar, se, em vez de esperar-se pelas grandes marés para encher os depositos ou *balde*, a agua pudesse ser trazida a esses reservatorios por meio de bombas. Assim nos seis meses de verão—julho a janeiro—em vez de uma safra ou colheita haveria tres.

As despesas para a fabricação do sal regulão 25 reis por alqueire de 40 litros até ser posto sobre o aterro. Para o embarque dispendem-se mais de 30 a 80 reis conforme este embarque é feito dentro do ou fora do porto.

Um deposito ou tanque de 50 metros em quadro dá de 3 a 4 mil alqueires de 40 litros.

A maneira de fabricar o sal em Macão é muitissimo rudimentar: nenhum dos maravilhosos recursos da industria moderna foi ainda applicado áquella desprotegida fonte de riqueza da provincia.

Abrem-se pequenos baldes nas salidas e para elles conduzem as aguas, nas marés grandes, por meio de valas. Esta entrada das aguas effectua-se 3 vezes successivas.

Formado que seja o sal, com uma espessura de 3 pollegadas, é quebrado e tirado em cestos, para os aterros, onde as lanchas e canoas em rechebo para o embarque nas barcaças e navios.

Na occasião do embarque nos navios, como o sal é atirado em pás de lancha para o porão, perde-se nesta passagem uma grande porção, que cae no mar.

Calculando as salinas de Macão e Guaporé em 50 kilometros quadrados, o que por certo está aquem da verdade, e em 324 tanques de 50 metros em quadro que se possam abrir em 1 kilometro quadrado, ficando cem metros em cada sentido para os aterros, temos que poder-se-iam abrir nas dilas salinas 16,200 os tanques que na media de 3,200 alqueires de 40 litros dariam só n'uma colheita a assombroza cifra de cincoenta e um milhões, oitocentos e quarenta mil alqueires.

Calculado a 100 reis o alqueire, preço actual para os 40 litros, teriamos para valor da pro-

dução rs. 5.184,000,000 quantia que poderia ser triplicada, se mais adiantados fossem os processos para o fabrico, como ao principio dissemos; ou mais claro—eleva-se a rs. 15,552,000,000 o valor de cada safra.

Em vista da eloquencia de laes, algarismos, nada mais é necessário para encarecer a prodigiosa industria salineta em Macão, industria que mesmo rullneira e onerada de tributos como é constitua a fortuna de um importante municipio e faz da cidade de Macão o mais frequentado dos nossos portos.

A. S.

CARTA DO RECIFE

O meetinge que, em Manifesto assignado por Izidoro Martins Junior, Martiniano Veras, Dr. Ribeiro de Britto, Annibal Falcão, Barros Casal e Silva Jardim, foi a 19 do mez ido annuciado para o dia 22, meetinge não realizado, on melhor—transformado em reunião odiosamente capadoçal e affrontosa aos brios desta Patria Pernambucana, sempre, em todos os tempos, activa e boa pelo amor à Liberdade—, foi o maior acontecimento politico aqui dado deste a minha primeira correspondencia: devo, portanto, iniciar por elle as novas a transmitir nesta.

O espirito publico achava-se sacudido, de alguns dias já, em virtude de malificiosas insinuações que, em editoriaes, publicara a *Provincia*. Nestes artigos, verdadeiros libellos contra aquelle orgão dito noutra, mas então declaradamente *ouro pretista*, pregava-se a theoria subversiva, falsa e anarchica de que o povo podia, sem que a policia competisse contel-o e corrigil-o, até apedrejar os republicanos.... E esta theoria foi, com muito espavento e muita audacia, sustentada no dia 20 na Assembléa Provincial pelo mesmo que abraçara Silva Jardim na 2ª conferencia aqui festa pelo grande tribuno, pelo mesmo que se apregoa tão ruidosamente, um liberal de coração, tolerante, ordeiro, franco, leal!!

O Dr. José Marianno reulou o povo, o seu povo, arregimentou-o, desentavou-o das antenas da Varsca, uma feitoria do seu proposito Torres—era triste de ver-se!—O Largo da Matriz de Santo Antonio, logar do projectado meetinge, ás 3 e meia horas da tarde regorgitava de capangas, de assalariados, de policia disfarçada.

Cartas anonymas, ameaças verbaes por indirectas, tudo era para demover o Dr. Silva Jardim de seu proposito firme de fallar ao povo; mas a boa vontade do Dr. Rego, delegado, e o prudente conselho dos outros signatarios do Manifesto pouparam as scenas de sangue, a carnagem que a malicia, o apocamento de animo do chefe, dito democrata, preparara.

O Dr. Rego foi ao Norte pedir aos que assignaram o Manifesto que dessem o dito por não dito, que não effectuassem o meetinge; o Dr. Silva Jardim fez com que disto deixasse o delegado um documento escripto, e lá resta o pedido (em que, como testemunhas, assignaram diversas pessoas) da autoridade policial para que não se fizesse ao povo! E porque a policia não podia conter a malta dos assalariados! E porque o rei-pequeno assim o quoria, e porque—*proh pudor!*—ao chefe democrata o uzo da palavra, dita da tribuna publica, offendia ás *Lets!*

Uma banda de muzica militar, a do 14º batalhão, postou-se, logo que constou que o Dr. Silva Jardim não ia ao Largo, em frente à redacção da *Provincia*: d'ahi fallou, n'um desahinamento ultra—*ouro-pretista*, o Dr. José Marianno e d'ahi seguiram muzica, elle e povo—(da Varsca) em passeiata, a mais tristemente burlesca, que dar-se pode!

Proh pudor! E tudo sob o governo liberal!! Quanto és mal entendida Liberdade!

O denodado e hãrdado tribuno Silva Jardim seguiu a 31 do mez, que findou, em companhia de Nunes Pires, seu dedicado amigo e intelligente secretario, a bordo de paquete allemão *Omega* com destino a Corte. Ficou interrompida assim a projectada excursão ao norte, mas será levada a termo dentro em pouco... Motivos de alto interesse politico levão Silva Jardim ao Rio

de Janeiro, donde talvez chegue a Minas, além de tratar de sua eleição pelo 2º districto.

De 63 pessoas, entre as quaes ha conservadores e liberais, é composta a commissão que, não sei baseado em que Aviso, Decreto ou Resolução, o Exm. Cons. Presidente nomeou para tratar dos festejos da recepção do Conde d'Eu.

Em telegramma publicado na *Provincia* de hoje lê-se que S. A. chegado hoje ao Ceará, d'ali partirá a 10; tem tempo, pois, a commissão para tornar um brinco esta cidade, para enflorá-la toda, para preparar lautos banquetes, em summa, para arregimentar a *União Nacional*, quer dizer, a Guarda Negra, para mandar ensaiar novas muzicas às bandas militares. O que a commissão não ha de conseguir é afeioar-o espirito publico ao futuro Imperador, é chamar as sympathias da alma—a generosa e activa grande alma de Pernambuco—para o 3º reinado, cujo advento, calamitoso e triste, o Principe veio preparar o norte!

Braz de Mello.

Recife, 2 de Agosto de 1889.

A REPUBLICA

E' do Povo orgão liberal que se publica no Seridó o honroso e elevado juizo que abaixo publicamos a respeito do nosso modesto periodico. *A Republica* na mais cordial e sincera manifestação de reconhecimento agradece ao illustre e honrado collega as expressões de alto favor com que se dignou acolhe-la; e retribue a captivante fineza desejando ao denudado campeão da imprensa sertaneja—espelha dos nobres sentimentos da activa gente que tem na pureza dos ares que respira o antidoto mais seguro e eficaz contra o virus da corrupção politica— uma longa vida tão prospera e tão honrada como até aqui tem sabido manter, creando em torno de si o respeito e a sympathia dos leitores.

Chegou-nos as mãos, o lemos com prazer e orgulho de Rio-grandenses, o novo orgão que surge á tona da discussão na arena do jornalismo da provincia.

Não é o titulo do novo periodico que nos seduz, mas o comedimento, a concisão de sua linguagem, o seu respeito ao decóro publico, o seu amor ao bem e abnegado ao bem social, os astucos sciutillantes de seu patriotismo, a nota criteriosa e diaphana na apreciação rigorosa dos factos, a elevação de seus intentos manifestados por meios adaptados á nossa civilização e compatíveis com qualquer forma de governo, que propouha-se a garantir a liberdade da palavra, nos limites da decencia, tal como se exhibe limpo e verid o denudado campeão. E esta a força dos que tem a franquesa e convicção de seus principios, cujo ideal pouco importa que não se concilie com os interesses ephemeros do momento.

Um facto que grandemente abona o jornal que talvez venha assignalar uma nova e fecunda era no jornalismo da provincia, e que incontestavelmente vem preencher uma enorme lacuna na imprensa da capital, cuja missão, dolorosa-

mente o confessamos, tantas ordinariamente, vemos rebaba mesquinhada até aos mais solidamentos, fazendo-nos trempelo que se possa pensar: peito lá fora,—é que refer governo actual, *A Republica* so muito mais imparcial e justiceira que a propria imprensa monarchica conservadora d'ali, que desgraçadamente rasteja em um terreno que repugna ao senso moral, o menos exigente. Deixando de lado o alvo a que pacificamente dirige-se o esforçado campeão, nas raias da boa educação e dentro dos limites das leis sociaes; sem co-partilharmos totalmente dos receios que assaltam o collega a respeito do preclaro cidadão que neste momento encaminha patrioticamente os negocios publicos, nós consignamos aqui com a independencia que nos caracteriza—a sinceridade, abnegação e a imparcialidade com que o collega doutrina e advoga os interesses nacionaes e especialmente os provinciaes.

Este nobre proceder é um exemplo edificante e moralizador para o jornalismo sem ideal, sem orientação, falto do incentivo do bem, sem a compreensão dos seus mais rudimentares deveres, afreguezado com uma dialecta binal e sedica, systematica e rotineira, de uma insipidez morbida, como m... gangrenada de nossa imprensa provinciana incorregivel e invertebrada de odios e máo vezo em julamar a todo o tranze e o adversario e incensar e louvaminhar invariavelmente o corrigio-nar o ainda mais carecedor de virtudes

E' bem que ao lado dos filhos desnaturalados que não se peijão de abater nosso brio, nossa dignidade, nossa educação, faz ndo da imprensa a valvula de apreciações mesquinhas, de sentimentos sordidos, que repugnão indical-os e cuja impressão fóra ba de necessariamente produzir um conceito desfavoravel e inconciliavel com o nosso caracter, com os nossos habitos e nossos sentimentos aluistras, é bom que, ao lado desses vilões, se agitem os homens de bem, que por sua vez façam sentir dentro e fóra da provincia, que se Rio Grande do Norte tem alguns filhos naturaes ou adoptivos que nos gozham e nos aviltam, por uma geração toda, tem tambem filhos de cor e intelligencia que collocam, em qualquer emergencia, a honra e o brio acima de todo interesse de qualquer natureza.

Nossos applausos pois, sem reservas, ao collega em quem prevermos uma avanca potente do progresso e regeneradora da imprensa pervertida, em cujo empenho nos encontrará em terreno comum.

A REPUBLICA

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe—Dr. Pedro Velho

ASSIGNATURAS

Para dentro da provincia por
anno—5:000rs. Para fóra do:

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

Natal—segunda-feira, 19 de Agosto de 1889

Não tendo nós poupado es-
forços e sacrificios para o ap-
parecimento regular da Re-
PUBLICA, pedimos aos nossos
assignantes, que ainda não sa-
tisfizeram as suas assignatu-
ras, se dignem fazel-o, ou di-
rectamente no escriptorio da
redacção, ou por intermedio
dos nossos agentes.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs.
o numero, em casa do Sr. Ma-
noel da Veiga, na cidade alta;
e em casa dos Srs. Chagas
Junior & C. no bairro da Ri-
beira.

São agentes d'A REPUBLICA com autorisa-
ção para agenciar e cobrar assignaturas, receber
qualquer communicação que interesse ao partido
republicano e attender ás reclamações que appa-
recam por parte dos nossos correligionarios e
assignantes, os seguintes cidadãos:

1.° DISTRICTO

Ceará-mirim—Felsalino Dantas.
Touros—Juvencio Tassino.
Macahyba—Francisco Muniz.
S. José—Manoel Feliciano de Souza.
Araç—João Pegado Filho.
Golantinha—Luiz Cândido.
Canguaretama—Olympio Tavares.
Nova-Cruz—Francisco A. Corrêa.
Santa Cruz—Theophilo Osvaldo.
Macáú—Joaquim Virgolino de Souza.

2.° DISTRICTO

Angicos—José Rufino C. Pinheiro.
Assú—Arthur Napoleão S. de Macedo.
Príncipe—Presidente do C. Republicano.
Imperial—Manoel de Souza Pereira.
Mossoró—Manoel Virgolino Cezar.
Apody—Capm João Nogueira de Lucena.

CANDIDATURAS REPUBLICANAS

Na reunião republicana de 11 de julho foram
eleitos, em scrutinio previo, para candidatos do
partido nas proximas eleições gerais de 31 de
agosto:

1.° DISTRICTO

Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão—Me-
dico—Residente em Natal.

2.° DISTRICTO

José Leão Ferreira Souto—Empregado publico—
Residente no Rio de Janeiro.

João Avellho P. de Vasconcellos
Secretario do Directorio.

A REPUBLICA

Natal, 19 de Agosto de 1889

Provavelmente já se sabe na corte
que S. A. o sr. conde d'Eu teve no Rio
Grande do Norte uma recepção esplên-
dida, deixando geraes sympathias no co-
ração do povo natalense.

Não é verdade.

S. A., para cuja recepção o mundo
official envidou esforços herculeos, che-
gou e saiu no meio da mais completa
indifferença da população. Não se po-
dendo arranjar um publico espontanea-
mente *enthusiasta*, lançou-se mão dos
pobres retirantes, que tiveram ordem
para assistir o desembarque do rei, que
elles acreditavam lhes daria esmolas a
tudo.

Do que matto, entitados, esperavão
elles que sahisse coelho!

A impressão que a presença de S. A.
produziu nos assistentes foi a mais des-
favoravel.

Os comentarios populares erão tos-
dos deste theor:

—Feia e desengraçada creatura; pa-
rece a ais um galinheiro vermelho do
que um futuro imperador.

—Se soubesse que *o rei* era isto não
tinha vindo cá.

—Viste, mulher, é a cara de Victor
Lafosse.

—A figura do conde é um desastre
para a monarchia.

—Quem é aquelle capitão de navio?
Nas ruas acompanhou-o a turba dos
retirantes e pouquissimos paletots.

Gente comprehendida na *noblesse ob-
lige*, convidada para comparecer no
carr e acompanhar o principe, andava
pelos cantos envergonhada e esconden-
do-se. Quasi que deixarão o homem ás
moscas.

Os retirantes perseguirão-o com pe-
ditorios:—*Uma esmolinha, seu rei.*

—Appareção amanhã ás 7 horas em
palacio. E ás 5 e meia raspou-se no
trem para percorrer a linha ferrea, com
um acompanhamento abaixo de mo-
desto.

Nas estações pasmaceira desconsola-
dora!

Em S. José de Mipibú houve atreço
e mais retirantes. Pobres infelizes,
comparsas obrigados daquella imperial
comedia!

Só um elemento concorreu para ap-

parecerem algumas pessoas a ver o
conde—a curiosidade; e estas mesmas,
desilludidas, deraõ-no por visto, logo á
primeira inspecção de sua antipathica
pessoa, todos de accordo em que a dyn-
astia, pela amostra que nos mandou,
estava a pé de, pesseal!

Afinal S. A. não tem culpa do detes-
tavel physico com que o castigou a na-
tureza. O que repellimos é a sua pre-
tenção de ser imperador do Brazil, ca-
valgando com as suas compridas pernas
o costado desse pacifico e resignado ca-
mello, que já dous imperadores tem fei-
to caminhar—um com esporadas terri-
veis, o outro coçando-lhe a anca, ma-
nhoso e finorio!

O conde, no intimo, se tem claro o
juizo e sã a consciencia, ha de estar con-
vencido de que fez fiasco nas plagas do
norte. Como viagem de propaganda re-
publicana S. A. fez muito; para garan-
tir o futuro da familia arrangem a cou-
sa de outro modo—o passeio tem sido
de infelizes resultados.

Os liberaes promettem ao throno dar
cabo da republica, e parafusar o solio
imperial na consciencia publica de ma-
neira a atravessar seculos e seculos ina-
bulavel e firme.

Se nos dessemos com S. M. tão fa-
miliarmente como o sr. Paranaçuá, por
exemplo, dir-lhe-iamos, em amistosa
cavaqueira: Não se fie nos liberaes,
meu velho; os conservadores, enxota-
dos, ainda estão com certa ceremonia
de se declararem republicanos; mas os
actuaes sustentaculos da monarchia, é
V. M. pol-os no olho da rua e elles
passarem a eito para a republica, pres-
pejando-lhe as apostrophes mais tribu-
nicias e demagogicas, sem respeito aos
editaes e ás circulares.

Agora fallão em metter na cadeia to-
do aquelle que der vivas á Republica,
que formar ajuntamentos, que arengar
nas praças etc etc; espere por elles
quando a vacca não der mais leite e con-
verse comigo. Não lhe recommendo q'
tome nota, por que V. M. tem, alem de
muita esperteza, uma memoriassinha de
assombrar os sabios do mundo todo.
Mas lembre-se do que lhe estou dizen-
do, e ainda ha de ver muita gente boa
com as guélas roucas de berrar: Viva a
Republica!

Ainda o commando de policia

Muito arreliado ficou o collega do «Correio do Natal», porque não batemos palma á demissão do capitão Olegario de commandante da policia.

Diz entre outras cousas que *justificamos o acto do presidente, desde que confessamos que o homem não se quiz submeter!*...

Isto é de esmagar... não tem replica possível, pensa o órgão official.

Pedimos, entretanto, permissão para dizer que não é ser militar insubmisso negar-se o commandante da policia a abdicar o seu direito de votar em quem quizer, desde que não sente em sua consciencia os remorços de Judas, pelo facto de escolher no seio do seu partido o candidato que mais lhe agrade.

Quanto á *onda republicana que tenta crescer e submergir n'um pélogo de confusões e desordens. o paiz que, o governo pretende salvar...* é um periodo *patriotico* que faz arrepiar as carnes só de pensar a gente nos *perigos* que nos ameaçam, e força-nos a pedir a Deus N. S. que conserve por muitos annos os liberaes—tão boas pessoas—ajudando-os na missão de salvar a patria.

Os republicanos ou são uns *especuladores* ou uns *petroleiros*; gente *sizuda* são elles que estão fazendo o *enorme sacrificio* de concertar no caso da não do estado os *rombos* que abriram os *conservadores*, applicando ao *recife* perigoso do *republicanismo* a *dynamite* de *editaes* e *circulares* mais ou menos *despoticos* e *arbitrarios*, e pondo-se ao mesmo tempo de *cocoras* diante da *dynastia*, que já muitas vezes elles tem *arastado* pelas *ruas d'amurgua*.

Vem depois uma historia muito comprida sobre o Dr. Castro, Dr. Amaro, o presidente, o Ceará, o 2º districto, a disciplina (que não é subservencia) & &.

FOLHETIM

A REPUBLICA EM THEORIA

Não é uma apologia da forma republicana, que vamos emprender. No campo dos principios são sempre más as apologias, por isso que significam uma parcialidade, que desde logo põe de sobre-aviso.

Não iremos por conseguinte attribuir á forma republicana de governo virtudes que não possua ou traçar della um quadro ideal, muito longe da realidade.

O que nos propomos escrever é, ou o que a historia na sua imparcialidade severa dá como provado, ou o que a consciencia de amigos e adversarios repete a todo o momento com affirmativa de incontestavel exactidão. N'um e n'outro caso será insuspeito o que affirmamos, porque a cada instante se poderá verificar a sua veracidade.

Começaremos por tratar da forma republicana de governo em theoria, porque é sob este ponto de vista que ella levanta menos objecções, chegando quasi, pôde dizer-se, a alcançar um geral, senão universal assentimento.

Não temos nada com isto.

O coronel José Bernardo leva uma tunda mestra, o *ingrato* que sadava aqui nadando em mar de rosas, cheio de *consideração*... e de *descomposturas*, fazendo frente quasi sosinho ao inimigo que tambem só a elle temia. Agora é um *soldado* rebelde, (nem uma fitinha de sargento) deposedo de suas insignias!

Uma verdadeira varrêlla de familia que elles mesmo estão expondo ás indiscretas vistas do publico.

Entra tambem na dança como Pilatos no credo o *partido conservador esphacelado e decomposto esmorecido e decrente*... Cotadinho do partido conservador que ainda ha pouco andava aqui olhando para a gente por cima do hombro. Agora é ir chorar na cama, que é logar quente, e esperar a vinda de D. Sebastião.

O Capm. Olegario diz que era um insurrecto, que fazia *pronunciamentos republicanos!*

Virgem N. S. isto é gravissimo... veijão sobre que *volcão* pisavamos nos... estavamos em plena Hespanha—um *pronunciamento!* Obrigada, governo amigo, por nos teres salvado de tão medonha catastrophe!!

Oução isto e tremão:

«O Sr. Olegario trouxera do Seridó o germen de um republicanismo *facil e perigoso*, e tentou desenvolvê-lo na policia da provincia. Fatal exemplo, se elle se desenvolvesse entre governos monarchicos.»

O homem a corromper a tropa, as instituições em perigo... *que quereis que fizesse a administração?*

Tudo menos o que fez: mandar para o sertão sem um padre nosso de penitencia o perigoso inoculador do virus republicano.

A ferros! á ferros!

Com effeito, realistas puros, intransigentes, que defendam por principios e convicção a monarchia como a melhor forma de governo, não ha hoje, pelo menos entre nós. Se algum apparecesse seria para os proprios partidarios do throno *uma avis rara*.

Em Portugal, desde os ministros da corôa até ao ultimo dos regedores, tudo é republicano... em theoria. Talvez façam apenas excepção a esta regra os legitimistas.

Sem querer no actual momento e n'este logar investigar a existencia de outros motivos, sabemos, porém, que todos esses *republicanos theoricos* são monarchicos na pratica por questão de oportunidade, segundo elles proprios affirmam.

Mas o certo é que o systema lhes não repugna, porque sem rebuço confessam ser elle o mais consentaneo com a dignidade do cidadão, e com as exigencias da civilização moderna. E não é somente em Portugal onde tal confissão parte das fileiras monarchicas.

A nossa vizinha Hespanha tem hoje como ministros da regencia homens, que já foram ministros da republica e que amanhã volverão porventura a sel-o, segundo elles com a maxima sencrironomia o deixam perceber.

Não vimos ha pouco, n'uma interessante po-

Erá o que merecia o *terrivel conspirador!*

Ora realmente quando o nosso collega escreveu toda aquella patuscada devia estar em ancias de riso, a pensar lá consigo:—O' politica, que grande borracheira que tú és...

Com effeito os *pronunciamentos* o *governo salvador*—é tudo de uma alegria desopilante e ultra-recreativa.

Nós não temos procuração para defender o commandante demittido.

A briga dos liberaes achamol-a muito feia e pouco edificante, mas ja contavamos com ella—é a regra.

Não pensavamos que a liquidação fosse tão levada dos diabos.

Ignoravamos igualmente que o presidente era forçado a fulminar os *rebeldes*.

Ingenuos e simplorios, acreditavamos que a administração não se entregaria a nenhum grupo; que o presidente, segundo as formaes promessas do governo, vinha assistir as eleições de braços cruzados, á moda Saraiva...

Então não é bem como suppunhamos? E' pena.

Veijão o que é uma pessoa ignorar as praxes... Pensavamos que o capm. Olegario não seria incompativel com a disciplina policial, pelo facto de conservar á sua independencia de eleitor. Erro profundo, proficua lição a futuros *commandantes*.

A verdade, porém, é esta: Se o capm. Olegario abandonasse os seus amigos e fizesse alguma *pronunciamento amarista*, estaria nas graças, seria um excellent rapaz, conservo-o-ão no seu posto, sem ser incluído na *excommunhão dos insurrectos*.

Se fosse ao Principe votar contra o Dr. Castro, fazião-no brigadeiro.

Isto é tão claro que não precisamos perder tempo em aprofundar o caso.

lemica entre o *Seculo* e o *Interesse Publico*, como o redactor d'este ultimo jornal, eminente homem de sciencia e espirito altamente independente, se declarou monarchico de occasião, embora confessando-se republicano em theoria, por ser a republica a unica forma racional de governo de uma sociedade adiantada em civilização?

Assim pois, no campo theorico ninguem que se preze de medianamente instruído, nega hoje de boa fé a superioridade da republica sobre a monarchia, como forma de organização dos poderes publicos. No entretanto como n'este campo ainda uma ou outra objecção se apresenta com insistencia, diremos muito brevemente em que consiste a forma republicana de governo e quaes são as características que profundamente a distinguem da forma monarchica.

A primeira destas características é a ausencia absoluta do principio da hereditariedade, como elemento de organização dos poderes do estado.

Nas monarchias a hereditariedade, isto é a tradição, é tudo. É hereditaria a mais alta magistratura da nação. São hereditarias as funções legislativas; e paizes ha mesmos e epochas houve em que eram hereditarios quasi todos os altos cargos publicos.

A intriguinha final não merece ser tomada a serio.

Nós não lamuriamos o capm. Ologario por que delle esperassemos ou elle nos promettesse alguma coisa.

Quem escreveo isto devia estar tão certo da inverdade que naturalmente amargou-lhe a bocca, fazendo-nos tamanha injustiça. O que dissemos delle diriamos de outro qualquer, liberal ou conservador, em condições identicas.

Que o digno moço tinha tendencias republicanas, como diz o collega, não é tão grande peccado. Outros ja o tem commettido, dizendo e escrevendo cousas de arrepiar os cabellos ruivos ao futuro imperador.

Termina o articulista descobrindo que denunciámos os nossos adeptos.

Não temos adeptos occultos, para denunciá-os.

Aqui só são republicanos os que querem e sabem sel-o ás claras.

O que esperamos de um esperamos de todos os brasileiros. Não de vir!

Questão de opportunismo.

NATIVISMO

A situação dominante tem mostrando um zelo tal pelo provincialismo, manifestando especial ogerisa pelos cearenses, que quasi esses nossos vizinhos devem receber no Rio Grande do Norte scenas de vandalismo igual ao que se dá na Russia com os judeus.

As circulares fallão com indignação da colonia cearense, e entretanto ainda se encontram na provincia alguns empregos, poucos é verdade, que são preenchidos por individuos nascidos em plagas menos excommungadas.

Nós não levamos o amor da terra ao odioso exclusivismo de pretender considerar contrabando qualquer patrio que não seja nascido e creado nesta

Para assegurar o principio da hereditariedade, no que respeita à primeira magistratura, tem-se nas monarchias commettido as mais atrozes violencias.

Guerras injustificadas, que custaram rios de dinheiro e fizeram derramar mares de sangue; alianças monstruosas, que reunirão raças, que se odiavam, separando para sempre povos irmãos; uniões finestas, que causaram a infelicidade de muitas familias reinantes e a desgraça de muitos povos subjugados, tem sido o fructo da hereditariedade, nos paizes onde ella imperou como a suprema razão do estado.

E por fim a hereditariedade é um absurdo perante a razão, é um deploravel erro perante a sciencia, é um insulto à dignidade humana perante a moral, e até perante os grandes interesses nacionaes pôde ser grave perigo para a prosperidade e para a independencia do povo, que a accita como norma reguladora dos seus destinos!

A hereditariedade no que respeita à primeira magistratura de um paiz, é um absurdo perante a razão, porque não se comprehende como o trabalho e o saber sejam condições indispensaveis para os mais modestos misteres da vida, e pos-

pobre e inditosa provincia; achamos mesmo estreito e pequeno esse modo de pensar. Na concorrência politica, como em todos os accidentes da luta pela vida a victoria será sinal dos mais bem dotados—desequilíbrios e excepções momentaneas da grande lei de Darwin e Heckel não devem desesperar os que ainda tem fé e não se deixarão apodrecer na passividade de um septicismo humilde e degradante. Mas o que nos parece altamente recreativo e assombrosamente afoito é que estejam com as mãos cheias de pedras, aquelles mesmos que tem o seo telhado quasi todo de vidro.

A provincia não é lá de uma grande esperteza, mas tambem suppol-a de uma simplicidade proxima do idiotismo é duro.

Não andem pisando os calos do proximo quem não tem sua epiderme ave-ludada e perfeita...

Por caridade não nos impanzinem com esse nativismo de oitiva.... Toda gente sabe o que valem essas declarações que *Zé povo* ouve com ouvidos de desconfiança, dando gargalhadas intimas e achando-os todos uns grandes pandegos.

QUESTÃO DE LIMITES

Do nosso distincto amigo e correligionario José Leão recebemos um folheto, denominado «Questão de Limites» onde com proficiencia e zelo louvaveis aquelle digno rio-grandense discute o litigio que de longa data se debate entre esta e a vizinha provincia do Ceará, sobre os nossos limites de noroeste.

Ninguem ainda mais detida e competentemente aventou esta questão, sob os seus diferentes pontos de vista. Da leitura do importante trabalho que acabou de publicar o Sr. José Leão fica patente queé com boas e irrefutaveis razões

sam dispensar-se quando se trata de funcções, a que estão ligados os varios e complexos interesses de milhões dos nossos semelhantes.

O artista humilde ou o funcionario obscuro, para encontrarem trabalho ou emprego, tem de mostrar pelas suas aptidões especiaes, que são capazes de desempenhar as funcções a que aspiram.

De nada lhes vale que um seu ascendente tenha sido um bom operario, ou um empregado modelo. Com muita razão lhes responderão, que o saber ou a aptidão manual para um officio não se herdam, mas adquirem-se com esforço e com o exercicio.

E comtudo as funcções de que se trata são das mais modestas, e os interesses do exercicio d'essas funcções dependentes são dos mais insignificantes relativamente!

Dá-se a circumstância, porém, de vagar a primeira magistratura da nação e o caso muda de figura. Para substituir o monarcha fallecido não se procura a pessoa que, pelos seus talentos, pela sua virtude, pelo seu saber ou pelo seu prestigio, possa desempenhar-se cabalmente da ardua missão, que incumbe a quem preside a governação do estado.

que o Rio Grande do Norte insiste pela posse do territorio que diz seo, e que o Ceará quer para si. Recomendamos a leitura da «Questão de Limites» que todo rio-grandense zeloso dos direitos de sua terra deve conhecer para formar a sua opinião a respeito sobre dados reaes e convincentes.

PROPAGANDA DEMOCRATICA

Começamos hoje a publicar em folhetim o excellente opusculo «O que é a Republica» devido á penna do illustre republicano Z. Consiglieri Pedrozo, deputado portuguez, professor do curso superior de lettras em Lisboa, um democrata emerito, que tem dado todo seu talento e notavel illustração á causa do povo.

O ORÇAMENTO

O orçamento provincial foi devolvido.... Aquelle mesmo estremecido fructo de *honestidade* que os liberaes laboriosamente arrancarão de suas entranhas patrioticas, aquelle *cavallo de batalha* cuja redacção ainda hapouco foi unanimente votada, era uma trica de opposição, não tinha seriedade nenhuma, era uma embaçadella ao publico ingenuo, só servia para arrolhar os adversarios e nunca para governar.

Tudo era fingido, o afan de desafogar a provincia de onus superiores ás suas rendas, as apostrophes indignadas contra o presidente Roza e Silva que teve a insolente audacia de recusar o producto salvador das locubrações e esforços dos deputados amigos do bem publico—tudo comedia.

Os conservadores que incorreram nas iras dos opposicionistas de hontem: podem dizer assim:—Vr. não achavão tão

Um simples acaso determina a escolha. É o filho mais velho do defunto rei, que herda, como se fosse um morgadio, o direito de governar a nação! E no entretanto este herdeiro forçado pôde ser um estúpido, um ignorante, um victioso ou mesmo uma inconsciente criança!

Eis uma das consequencias do principio da hereditariedade.

Mas este principio, conforme dissêmos, além de ser um absurdo perante a razão, é um deploravel erro perante a sciencia. A sciencia, com effeito, demonstra que as aptidões governativas e principalmente o saber, que depende do estrdo, não se podem transmittir de paes a filhos. O que se transmite infelizmente, para desgraça dos povos, são os vicios adqueridos no meio artificial e deleterio em que vive um rei. São esses vicios accumulados pela herança de muitas gerações, que dão à historia um Carlos IX, um Carlos *el herkizado*, ou um D. João VI de grotesca memoria.

(CONT.)

Lôa a f. parlamentar, não fixar-se com tanto cuidado e respeito pelos interesses da população, que representão? — não viu um insulto a provincia na recusa das disposições economicas e moralisadoras que forjarão para moralisar-nos? Pois ahí a tem a sua querida lei, se a repellem deixão patente a nenhuma sinceridade e má fé do seo procedimento.

Nós faziamos questão pelos affres amigos, pelos professores correligionarios, que os senhores achavão inuteis e caros, e agora? . . .

E para o partido dominante ficar de cara á banda . . . *hodie mihi cras tibi.*

Tudo isto é triste e do pessimo effeito. O povo que só vê a exterioridade das cousas, que permanece no terreno pratico e não cogita dos principios capazes de salvar-nos, vai desgostando-se, descrendo e quasi se acostuma a essas miserias que ouve chamar politica.

E assim tudo decae e se degrada. nefanda monarchia corrompida e corruptora, até nas provincias chego os effluvios da tua influencia pernicioso e delecteria.

Acorda povo que te explorão e te degradão. I

SEM COMMENTARIO

O Sr. Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcante em sua circular de 19 de dezembro de 1885 escreveu :

... O que pois eu meo entender lhe cumpre (ao partido liberal) é tomar uma resolução energica e dar um passo decisivo, procurando no seo da democracia pura, chame-se republica unitaria ou federativa, a unica regeneração possivel.

Não me aterra o phantasma de desconhecido; prefiro este qualquer que seja, á putrefacção aviltante em que jaz a nação.

Termina a mesma circular dizendo : ha 18 annos que me convenci de que S. M. era, pelo menos inutil.

Acreditamos que o Sr. Dr. Amaro, que teve a felicidade de se convencer dessa verdade, nutra ignaes sentimentos a respeito da futura magestade do Sr. Conde d'Eu.

A todos esperamos no grande campo da republica, unico em que se pode trabalhar a bem de um paiz americano, unico em que podemos defender os interesses de nesso querido Brazil.

"Viva a monarchia"

O governo tão despotico com os republicanos é tolerante em extremo com os desordeiros.

Temos e prohibem as conferencias e reuniões populares, e entretanto não se dá o trabalho para ver miserias degradantes como o que segue extrahido da Gazeta de Notícias :

Tristissimo e degradante foi o espetáculo que honramos vimos na rua do Ousidor, ás 7 horas da noite.

Tres imperias marinheiros, armados de navalhas e seguidos de uma malta de capoeiras, passaram duas vezes por aquella rua, gritando — Viva a monarchia!

Os marinheiros que os acompanhavam, laes armados de navalhas, e de modo compassadamente berravam — Viva a monarchia! morra a republica!

Os soldados que rondavam a rua, conservaram-se immoveis, vendo passar aquelle sinistro grupo de desordeiros, que ostensivamente e á barba da policia provocava um conflicto.

Se é um crime o grito sedicioso de — viva a republica —, não menos criminoso é o acto praticado por estes desordeiros, com os quaes poderia alguem dizer que está a policia de accordo, á vista da indifferença com que ella se viu passar, agitando as suas navalhas e cacetas.

Convém pôr cobro a essas scenas selvagens e indignas d'esta capital, habitada por uma população desordeira, que não deve estar exposta á navalha e ao cacete d'esses singulares e exquisitos defensores do throno.

Esperamos do Sr. Dr. chefe da policia as necessarias providencias, para que não se reproduza tão verhozoso e aviltante espectáculo.

● Catholicismo e a Democracia

Ubi Spiritus Domini ibi libertas.

No pensar de certos publicistas e de um philozophismo muito sabedor de cousas religiosas, — throno e altar symbolizam duas forças que se coadjuvam, produzindo o obscurantismo, para sobre o atrazo da humanidade gozarem por mais tempo o privilegio das castas reaes e sacerdotaes.

O illustrado autor das « Soluções positivas de politica portugueza » não pôde comprehender a realza senão confundida com o clericalismo, fabricando a treva e o despolismo em todos os tempos e sob todos os climas.

Em verdade, é muito profunda a sciencia positiva do sr. Theophilus Braga!

O positivismo faz descobertas . . . que só a religião da humanidade pôde comprehender e medir a alcance (1)

Não conhecemos as profundezas, as varias e multiplicas orientações da espirito positivo, não temos esta ventura, senão . . . talvez nossa mentalidade descobrisse necessariamente o conluio das castas e dos privilegios.

Paciencia! Em compensação temos o conhecimento dos factos e da natureza das instituições que, senão nos enganamos, vale sempre muito mais que as soluções paavrosas oriundas do um positivismo estreito e falsamente democratico.

Felizmente o caso não é theologico — a discussão se tornaria impossivel, pois que fallando-se de theologia, as legiões comitistas ultrão-se á lucta como o diabo á cruz.

Não há receio de espectros . . . methaphysicos, dogmaticos ou sobre naturaes, nem sombra de theologismo.

A questão não é transcendental, porém muito palpavel e positiva.

Brada a gente entusiasta das soluções politico-positivas — que ha liga entre clero e monarchia, porque as duas instituições — clerical e monarchista — fundão-se no regimen das castas, e vivem desta aliança abençoada.

Levanta-se agora o protestante Guisot e em sua Historia geral sobre a civilização europea dá a seguinte resposta :

Costuma dizer-se que o corpo dos magistrados ecclesiasticos forma uma casta. Tal expressão está cheia de erro, pois que a idéa de casta envolve a de successão e herança, e a successão e herança não se encontram na Igreja catholica. Senão, consultae a historia, examinae os paizes em que ha dominado o regimen das castas : fixa-vos, se vos apraz, na ludia, no Egypto ; e sempre vereis que se transmite de paes á filhos o mesmo estado, o mesmo poder.

Onde não reina o principio de successão, tão pouco reina o principio de casta. E' claro, pois, que imprópriamente se chama uma casta a Igreja, visto que o celibato dos clerigos tem impedido que o clero catholico chegasse a ser tal.

Já por si mesmo se manifestam as consequências desta differença : sempre que ha casta, ha herança; sempre que ha herança, ha privilegio. As idéas andam unidas, dependentes umas das outras. Quando as mesmas funções, os mesmos poderes se communicam do paes á filhos, está visto que o privilegio pertence exclu-

sivamente á familia, e tal é o que effectivamente aconteceu em toda a parte em que o governo religioso se reduziu a uma casta.

O contrario ha succedido na Igreja catholica, e a consequentemente tem conservado e defendido o principio de igual admiciação dos homens a todos os cargos, á todas as dignidades, qualquer que fosse sua origem, qualquer que fosse sua procedencia.

A Igreja ecclesiastica, especialmente desde o século V até ao XII, estava aberta á todos os homens sem distincção alguma, e a Igreja não estabeleceu differença entre classes, brindava á quem accitasse seus destinos e honras, tanto aos que se achavam na mais escaia social como aos que estavam no mais baixo grau.

Nesses tempos tudo dominava o privilegio, excessivamente desigual era a condição dos homens, só a Igreja tinha escripto em suas bandieiras a palavra — EGUALDAD; só ella proclamava o livre e geral concurso, só ella chamava a todas as superioridades legitimas para investidas do poder. E esta a consequencia mais vasta e mais fecunda da constituição da Igreja considerada como corpo.

Contradicta mais positiva não aspemos que tenha encontrado o sympathico publicista portuguez.

Quem fabrica systemas e theorias urijantes, enfeitadas de phrases sonoras, de pensamentos humilhantes amando ao effeito e a celebridade do proprio nome, com a actual respeito como esta do erudito Guisot.

Não conhecemos, não nos é desconhecida a origem dessas declamações bombásticas contra o clero catholico e as doutrinas da Igreja.

Em geral estuda se o catholicismo historico e philosophicamente nos livros de seus inimigos e calumniadores.

Ha mesmo certa classe de doutores tão original e positiva, que procura ignorar as questões ecclesiasticas, para melhor discutilas e emancipar as consciencias!

E é assim preparado, á sombra do pedestal da sciencia (que irrisão!) que se blatera no livro e na praça publica contra a casta clerical, e os privilegios do culto romano.

— Casta clerical!

Onde estará ella? No sacerdocio catholico? cuja veneranda hierarchia estivo sempre ao alcance das virtudes e talentos de todos os christãos, cujas floras, em todos os tempos foram organizadas em sua maioria pelos humildes e obscuros filhos do povo?

Casta! n'uma instituição onde o plebeu e o nobre se nivelam, onde o branco e o negro se confundem, onde o escravo Onesimo foi bispo, e a mitra episcopal e a thiara pontificia tem fulgurado tantas vezes, assentado na cabeça de homens sabidos das mais infimas camadas sociais, da obscuridade da indigencia, e das sombras de um abatimento só nobilitado pelo brilho da virtude!

Não, não existe casta clerical.

O que ha, o que existe, o que se manifesta onde quer que se levante a bandeira do Evangelho, é uma milicia valente e gloriosa, que conhece o segredo de todos os heroísmos, e a sublimidade de todas as abnegações, que conhece os povos de todos os climas e a patria de todas as civilizações. — seio admiravel e fecundo d'onde irrompem para a sociedade e para o progresso — apostolos como Paulo e Francisco Xavier, oradores como Chrysostomo e como Bossuet, diplomatas como Antonelli, esadistas como Richelieu e Masarino, mathematicos, astronomicos, philosophos, genios profundos e universaes, como Galileu, Copernico, Sechi, Thomaz de Aquino e Moigno, o mais eminente e infallivel vulgarizador dos prodigios da sciencia moderna.

Este é o clero que se conhece, o clero que existe, que vive sob o influxo luminoso da vasta atmosphera do catholicismo.

Porque é celibatario, é independente do poder secular e do favor dos principes; porque alimenta-se da caridade, é rico e generoso; porque não tem familia nem patria, é cosmopolita; todo o homem é seu irmão, qualquer palmo de terra pôde fechar o horizonte de suas aspirações, guardar o cadaver de seus paladinos.

O clero christão será sempre o mais forte baluarte da democracia.

O sacerdote catholico, se não arranega do Evangelho, será no presente e no futuro, como foi no passado — tribuno da liberdade e da justiça arauto do direito e do progresso!

M. P.

A REPUBLICA

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe — Dr. Pedro Velho

ASSIGNATURAS
Para dentro da provincia por
anno — 5:000rs. Para fora 60.

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

Natal — segunda-feira, 26 de Agosto de 1888

Não tendo nós poupado es-
forços e sacrificios para o ap-
parecimento regular da RE-
PUBLICA, pedimos aos nossos
assignantes, que ainda não sa-
tisfizeram as suas assignatu-
ras, se dignem fazel-o, ou di-
rectamente no escriptorio da
redacção, ou por intermedio
dos nossos agentes.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs.
o numero, em casa do Sr. Ma-
noel da Veiga, na cidade alta;
e em casa dos Srs. Chagas
Junior & C.^a no bairro da Ri-
beira.

São agentes d'A REPUBLICA com autorisa-
ção para agenciar e cobrar assignaturas, receber
qualquer communicacção que interesse ao partido
republicano e attender ás reclamações que appa-
reçam por parte dos nossos correligionarios e
assignantes, os seguintes cidadãos :

1.° DISTRICTO

Ceará-mirim — Felismino Dantas.
Touros — Juvencio Tassino.
Macahyba — Francisco Muniz.
S. José — Manoel Feliciano de Souza.
Araçá — João Pegado Filho.
Goiminha — Luiz Candido.
Canguaretama — Olympio Tavares.
Nova-Cruz — Francisco A. Correia.
Santa Cruz — Theophilo O. valdo.
Macáú — Joaquim Virgolino de Souza.

2.° DISTRICTO

Angicos — José Rufino G. Pinheiro.
Assú — Arthur Napoleão S. de Macedo.
Príncipe — Presidente do C. Republicano.
Imperatriz — Manoel de Souza Pereira.
Mossoró — Manoel Virgolino Cezar.
Apodý — Capm. João Nogueira de Lucena.

CANDIDATURAS REPUBLICANAS

Na reunião republicana de 14 de julho foram
eleitos, em escrutínio previo, para candidatos do
partido nas proximas eleições geraes de 31 de
agosto :

1.° DISTRICTO.

Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão — Me-
dico — Residente em Natal.

2.° DISTRICTO.

José Leão Ferreira Souto — Empregado publico —
Residente no Rio de Janeiro.

João Avelino P. de Vasconcellos
Secretario do Directorio.

A REPUBLICA

Natal, 26 de Agosto de 1888

Aproxima-se o dia 31 de agosto. A ma-
chinha eleitoral v a i funcionar, armada pelos
classicos e conhecidos processos com que os
partidos monarchicos costumão offender os bríos
da nação — comprimindo e corrompendo.

Esta vai ser talvez a ultima campanha em
que appareçam nas urnas, ao lado da opinião
republicana já robusta e forte, os dois velhos e
estragados partidos constitucionaes.

Tudo indica de uma maneira clara e termi-
nante que entre monarchistas de qualquer rotulo,
que ainda contam explorar o paiz á sombra da
corda e os verdadeiros democratas vão decidir-
se em breve, os destinos da politica brasileira.

Os protestos de sinceridade e dedicação que
os liberaes agora repetem, para agradecer ao
amo generoso que os tomou a seu serviço, va-
lem tanto como as insolentes e desafortadas ag-
gressões com que cobriram tanta vez as duas ra-
ças de príncipes que medram exóticas no con-
tinento americano.

Não ha muito tempo alguns desses liberaes,
que agora parecem mais realistas que o proprio
republicano, preferindo os processos violentos para
realisar-se a transição de um a outro regime,
achando indispensavel a *tempestade* para purifi-
car os ares empesados de corrupção

O throno fez-lhes um aceno, e eis-os tão au-
licos e abatidos aos pés da dynastia, o consor-
te inclusive, que é de cair das nuvens cotejar-
lhes a linguagear de hontem e de hoje.

E são esses imperiaes servidores que tem o
insolente desplante de fallar em especulação e
desapeto a nós que nos declaramos abertamente
e ás claras, sem transigir, sem fazer caso das
vitalhas do poder.

Chamão embryonaria a ideia republicana, e
ao mesmo tempo mostram tal receio de que esa
ideia triunphe, que não escrupulisam em
lançar mão dos meios mais odiosos para comba-
tela-a.

Fingem ignorar a poderosa corrente de opi-
nião que alastra o paiz todo e, mal chegados ao
poder perdem a cabeça e se desvalem n'uma
reacção em que o liberalismo se mostra aquem
e abaixo do mais ferrenho despotismo.

Os governistas tambem gostam de empova-
nar-se com o antiquamento dos conservadores.
Chamasse-os o imperador, *ex-machina*, como cos-
tuma fazer as mutações da nossa politica, (é o
que dizem todos quando caem) e quieriamos que
nos dessem noticias do grande partido liberal...
Esquecem-se do esqueletico estaco em que os
encontrou o B. de Cotegipe, notando-se que na-
quelle tempo ainda o partido republicano não
tinha densas como hoje as suas fileiras, e que
por tanto nenhum dos elementos liberaes fora
distrahido senão pelas *abjurações contrictas* an-
te o pontífice da grey.

Exploram a ignorancia e a pusillanidade
proclamando que são os *anjos da paz*, que vem
pôr cobro ás desordens que ameaçam a patria.
Esta calumnia desmentida a todo momento pela
seriedade activa e digna com que procede o par-
tido nacional, não lhes ha de valer senão descre-
ditos cada vez maiores. A conquista da opi-
nião pela causa republicana está se fazendo e
ha de continuar a fazer-se com desespero e rai-
va dos actuaes dominadores.

O governo vai fazer a sua camara.
No 1.º escrutínio — promessas, ameaças, cor-
rupção, terror: a cabala official e desbragada,
os soccorros á indigencia, a força armada

No 2.º — conchavos hybridos, sorprezas in-
calculaveis, combinações magicas.

No 3.º — lá estará o ministro da justiça.

Com tudo isto elles não contam viver muito.
Leram a morte no seio. Esta situação é fleticia,
incurável e ha de dilacerar-se a si mesmo
em muito pouco tempo.

O reclame e promessas de reformas liberaes
— velhe ficelle podre e desacreditada, o anticeis-
mo vergonhoso dos editaes e circulares offensi-
vos á liberdade, a luta intestina, o atastamento
do Snr. Saraiva, Ruy Barbosa — a aguiça a paicar
sobre a fermentação do partido, apontado-lhe
as gangrenas, tudo annuncia a vida ephemera,
agitada e ingloria do liberalismo do conde d'Eu.

Os liberaes tiverão o seu exquesto papel na
historia do abolicionismo: quererão fazer a mes-
ma figura na historia da Republica?

Veremos.
31 de agosto não será uma apothose; quan-
do muito uma pautomina, transformavel em
tragedia, se as circumstancias o pedirem.

Aguardemos com calma o que surgirá do
parlamento: Por peior e menos representante
da nação que elle se-ja, ainda assim talvez a ca-
nua imperial não encontre nos mares da politica
a calma e o poder da submissão indecorosa a to-
dos os caprichos do poder.

Esperemos.

Republica?

Do "Norte":
«Prometemos occupar-nos hoje com o Edi-
tal-Basson, agora em observancia nesta provin-
cia, ex vi da circular do Ministerio da Justica
publicado no domingo ultimo pelo *Diario de
Pernambuco*.

Vamos cumprir a promessa feita; mas desde
já observamos ao leitor que não é nosso intento
estampar nesta columna uma tirada declamato-
ria e cheia de indignação sobre as liberdades
supprimidas pelo partido liberal, nem fazer uma
apreciação delida e profunda da materia a que
se refere o edital, cotejando-a com as disposi-
ções do Codigo Criminal, nelle citadas.

Nada disso.
Apostrophes indignadas contra o falso libe-
ralismo dos liberaes, vehementes objurgatorias
contra esse acto da policia *democratica*, já tem
sido produzidas, aos milhares, por todos os
órgãos da imprensa quer partidaria, quer neutra
da corte, e seria inutil repetilas aqui.

Por outro lado já o velho e eminente juris-
consulto, que é uma gloria desta provincia e do
paiz — Saldanha Marinho, — provou, da maneira
mais conveniente e cabal, que as disposições do
Codigo citadas pela policia da situação não auto-
risam nem justificam as medidas tomadas pela
mesma policia.

Não temos, pois, necessidade de nos referir
a qualquer desses aspectos do assumpto.

O nosso filo é diverso. E', sem affixar indigna-
ção contra o procedimento dos liberaes (quem
alguma vez acreditou que o partido dito liberal
fosse o partido da liberdade?) e sem tomar em
consideração da juridicidade ou injuridicidade
do edital, convidar o publico a fazer connosco
as seguintes reflexões:

Dada a peça, originariamente policial e já
hoje ministerial, de que se trata, nos termos em
que está e nas condições em que surge, um ra-
ciocínio occorre immediatamente, e é este:

Ou ella é o producto illegal e arbitrario da
vontade de um governo que, para conseguir os
seus fins, não leva em conta as leis, — ou é, ao
contrario, um producto dessas mesmas leis, um
acto perfectamente acceptavel e até elogiavel, por
isso que é legal.

Cremos que é irrecusavel esta dupla propo-
sição

Peis bem: No primeiro caso a conclusão é

lirar é que nós os brasileiros, vivemos sob um regimen politico em que, irresponsavelmente, os governos podem afrontar as leis, espoliando as meliores e mais caras liberdades populares.

No segundo caso o que se deduz rigorosamente da hypothese, é que este regimen sob que vivamos, em lugar de nos proporcionar liberdade demais, como por ahi se assoalha; proporciona-nos simplesmente... leis compressoras e ferrenhas, dentro das quaes as autoridades constituídas podem acastellar-se *innocentemente* para nos supprimir todos os direitos...

Qual das duas hypothese accella o governo liberal? Porque solução opta, em frente de esse dilemma, o partido... do Sr. Conde d'Eu?

A logica e a sinceridade politica obrigam-nos a tomar uma posição correctiva e definida, accellando uma ou outra das proposições e encarando corajosamente as consequencias de seu acto.

Mas os homens da situação não optarão por nenhuma das duas hypothese que figuramos...

E faz muito bem o partido liberal. Os exercicios na corda bamba, feitos com a pericia e com a conhecida *maromba* do opportunismo, são o melhor meio de evitar difficuldades, tanto acrobaticas como politicas.

Isto, porém, não nos impede de apontar os corollarios que estão a ressaltar da nossa argumentação.

Ellos:

1. Si nós vivemos sob um regimen politico em que *irresponsavelmente*, os governos podem afrontar as leis (primeira *ponta* do dilemma) e si esse regimen é o da Monarchia; — é claro que a Monarchia é perniciososa, porque permite que se violem as leis impunemente...

2. Si o regimen sob que vivemos, em lugar de ser liberrimo, como se diz que é, possui e executa leis compressoras e ferrenhas (segunda *ponta* do dilemma), e si essas leis são obra da Monarchia; — é evidente que a Monarchia é perniciososa, porque faz leis ferrenhas e compressoras...

Mas como o regimen opposto ao da Monarchia é o regimen da Republica; como a Republica é o regimen onde não haverá autoridades *irresponsáveis* nem *leis compressoras*, a conclusão definitiva e inatracavel que tiramos de tudo isso é que o povo brasileiro deve substituir a Monarchia pela Republica.

E portanto, inda que isto vá magoar os Srs. Candido de Oliveira e Buisson, relexem-nos que digamos (o edital prohibe só que se *grite*): — Viva A REPUBLICA

1789

Direitos do homem

No dia 1º de agosto de 1789, a assembléa constituinte começou a discutir o projecto de declaração dos direitos do homem.

Incompletos são elles, sem duvida,

FOLHETIM

A REPUBLICA EM THEORIA

É tambem o principio da hereditariedade um insulto à dignidade humana, porque não ha ninguém que se não revolte contra o immortal espectáculo de se curvarem servilmente diante de uma criança de mama ou de um analfabeto, homens carregados de serviços à nação e que pelos seus trabalhos são uma gloria não só do paiz, mas ainda da Europa inteira. Não é effectivamente risivel ver prostrar-se aos pés de um Frederico Guilherme qualquer um Hegel ou um Alexandre de Humboldt?!

Pois ha apenas mezes a nossa vizinha Hespanha, onde aliás abundam os homens de talento e de saber, den-nos um espectáculo bem mais repugnante ainda! Diante de uma bandeja de ouro, com um pedaço de carne informe, a que o servilismo official apellidou de Alfonso XIII, curvaram-se humildemente homens encanecidos no estudo, militares que affrontaram os perigos de cem batalhas, escriptores laureados, cujo nome corre o mundo nas azas da fama!

mas são incontestavelmente a base das constituições modernas.

Victoriosa no dia 14 de julho, com a tomada da Bastilha, o symbolo dos despotismos dos reis, a revolução franceza devia proseguir com a idéa primordial da futura constituição, declarando quaes os direitos do homem e não os concedendo, porque existiam desde seculos absorvidos pelo poderio das classes privilegiadas.

Não foi pequeno o numero dos projectos apresentados por Mirabeau, La Fayette, Sieyès, marquez de Paulette e outros.

A discussão foi longa e calorosa; os debates solemnes e profundos.

Actual, no dia 26 de agosto, a assembléa encerrou a discussão que começara no dia 1º e adoptou definitivamente, para servir de preambulo à constituição, o acto que abaixo publicamos, o qual no dizer de um historiador é um monumento incontestavelmente incompleto, mas que assignala uma das grandes epochas da historia da humanidade.

Effectivamente, para quem conheça a pesada somma de deveres sem direitos que acabru-hava o *terceiro estado*, valiosissimo e solemne foi o acto da assembléa constituinte.

E tão valioso e solemne o foi, que os seus beneficios effectos, sahi dos limites territoriaes da França, percorreram o mundo a conquistar adeptos, onde encontrasse um homem.

São estes os

DIREITOS DO HOMEM

I—Os homens nascem e permanecem livres e iguaes em direitos.

II—Estes direitos são: a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistencia à oppressão.

III—O principio de toda soberania reside na Nação. Nenhuma classe e nenhum individuo pôde exercer autoridade que della não emane expressamente.

IV—A liberdade consiste em poder

Que differença existe entre este ridiculo acto de fetichismo monarchico, e o acto identico do negro, que aos sertões d'África se roja reverente diante do seu *manipanso*?!

É por ultimo o principio da hereditariedade, perante os grandes interesses nacionaes, um perigo permanente para a prosperidade e até para a independencia do povo que accella, como norma reguladora dos seus destinos.

Com effeito, o principio da hereditariedade pôde levar ao throno um devasso como Luiz XV e o nosso D. João V, ou um doido como o rei da Baviera recentemente fallecido em meio de mysteriosas circumstancias. Que sera então do destino dos povos, quando elles se entreguem resignados a chefes d'esta ordem?!

Diz-se que a hereditariedade assegurando a estabilidade na transiissão do poder supremo, elimina todos os motivos de perturbação, a que uma eleição daria necessariamente lugar.

Pelo contrario! É o principio da hereditariedade o responsavel por quasi todas as guerras dynasticas ou de successão, que inundaram a Europa de sangue e alastraram de ruinas.

É bem sabido, que se Napoleão III tão levemente se lançou na guerra desastrosa de 1870 foi com o intuito de, por uma campanha feliz contra a Prussia, firmar na cabeça do filho a co-

fezer tudo que a outrem não prejudique.

V—A lei não tem o direito de prohibir senão as acções prejudiciaes a sociedade.

VI—A lei é a expressão da vontade geral. Todos os cidadãos tem o direito de concorrer pessoalmente, ou por seus representantes, para sua formação. Deve ser a mesma para todos, quer proteja, quer puna. Todos os cidadãos, sendo iguaes perante a lei, são igualmente aptos a todas as dignidades, cargos e empregos publicos segundo a sua capacidade, suas virtudes e seus talentos.

VII—Nenhum homem pôde ser accusado, preso nem deido, senão nos casos determinados pela lei e segundo as prozes por ella prescriptas.

VIII—A lei só pôde estabelecer penas estricte e evidentemente necessarias, e ninguém pôde ser punido senão em virtude da lei estabelecida, promulgada anteriormente ao delicto e legalmente applicada.

IX—Presumindo-se todo homem innocente até o momento em que seja declarado culpado, se se julgar indispensavel prender, todo o rigor que não seja necessario para guardar a sua pessoa deve ser severamente reprimido pela lei.

X—Ninguém pôde ser inquietado por suas opiniões, mesmo religiosas, contanto que se manifeste sem perturbar a ordem publica estabelecida pela lei.

XI—A livre communicação de pensamentos e opiniões é um dos direitos mais precisos do homem. Todo cidadão pôde, pois, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo pelo abuso desta liberdade, nos casos determinados pela lei.

XII—A garantia dos direitos do homem e do cidadão necessita uma força publica.

XIII—Para a manutenção da força roa imperial, que a França ameaçava despedaçar. E que oceano de lagrimas não custou ao nobre povo francez esta criminosa tentativa de robustecer o principio da hereditariedade a favor dos Bonapartes?!

Assim pois, a ausência do principio da hereditariedade é a primeira característica, que profundamente distingue a republica da monarchia. Porque fórma é substituido nas republicas este principio, cujas funestas consequencias nos paizes monarchicos nós acabamos de esboçar?

Pelo principio da eleição.
O principio da eleição é n. republicas a pedra angular do seu direito pub. Eleição applicada à primeira magistratura da nação, quer seja pelo povo, como no governo presidencial dos Estados Unidos, quer seja pelo congresso como na França parlamentar. Eleição applicada à organização das duas camaras. Eleição por ultimo para muitos cargos, que nos paizes monarchicos são exclusivamente preenchidos por nomeação regia. Enquanto que a nomeação regia significa, em grande maioria dos casos, favoritismo ou patrocínio, a eleição significa da parte dos que elegem, isto é, do povo, da nação, o reconhecimento de uma superioridade que se vai pôr ao serviço da causa publica.

publica e para as despesas da administração, é indispensavel uma contribuição commum. Deve ser igualmente dividida por todos os cidadãos, na proporção de seus bens.

XIV—Todo cidadão tem o direito de verificar por si mesmo ou por seus representantes da necessidade da contribuição publica, de aproval-a livremente, de fiscalisar a applicação e de determinar a quota, a extabibilidade, a arrecadação e duração.

XV—A sociedade tem o direito de pedir contas de sua administração a todo depositario do poder publico.

XVI—Toda a sociedade em que a garantia dos direitos não esteja assegurada, nem a separação dos poderes determinada, não tem constituição.

XVII—A propriedade sendo um direito inviolavel e sagrado, ninguém d'elle pode ser privado, senão quando a necessidade publica, legalmente provada, evidentemente o exija e sob condição de justa e prévia indemnisação.

«CORREIO DO POVO»

Temos recebido este importante diario, organo republicano que se publica no Rio de Janeiro. Escripto com saber e talento notaveis, ao mesmo tempo energico e desapassionado, occupando-se da politica nacional tanto em que

nistas, tendo no nome feito e respeitado de seus illustres redactores—Sampaio Ferraz e Chagas Leobato—uma garantia do seu vigor e constancia na defesa da grande causa da republica, o «Correio do Povo» é um dos jornaes mais bem feitos e mais poderosos que possui o partido republicano.

A visita do denodado campeão da democracia agradecemol-a reconhecidos, retribuindo a fineza com a remessa da

A nomeação pelo menos prende, por um sentimento de gratidão, a liberdade de acção do nomeado.

A eleição, pelo contrario, dignifica o escolhido, deixando-lhe a completa independencia dos seus actos, já se vê, dentro dos limites do mandato de que foi investido.

Diz que o vicio das eleições é grande, e por isso que pouco valor pôde ter o *verdictum*.

E' infelizmente verdade que os poderes tradicionais e historicos, vendo-se obrigados a transigir com o poder electivo, tem por todos os modos procurado falseal-o. Sabe-se bem que são os paizes monarchicos, onde mais se viciam as eleições. Basta a este respeito citar a Hespanha, a Italia e o nosso paiz como as terras classicas da corrupção eleitoral. Mas mesmo n'estes paizes, um alargamento do suffragio pôde ser em parte correctivo ad mal, que se aponta. E' mais facil corromper poucos do que muitos. Foi o que aconteceu com a Inglaterra.

Emquanto esta nação teve o suffragio restricto, por influencia dos preconceitos aristocraticos, era ella o paiz que se apontava sempre como o triste exemplo da applicação pratica do principio electivo. Depois que, porém, pelas audazes reformas de Gladstone milhões de votantes das classes populares foram engressar o corpo eleitoral, as e-

leições assumiram um caracter de independencia, que já hoje preoccupa seriamente os conservadores.

Uma ideia que tem a seu serviço batalhadores de merito e independentes como o «Correio do Povo» não se abafa com editaes, nem se amesquinha com imputações caluniosas.

Parabens aos dignos correligionarios que manejan com tanta vantagem a poderosa alavanca da palavra escripta, na tarefa patriótica de arrancar do solo brasileiro o trambalho do throno. Parabens ao partido republicano pela aquisição desse valente reducto que lhe ha de sustentar com intemerata energia a justiça de sua causa.

Muito mais *mythica* do que a existencia do chefe conservador é a luz dos candieiros da nossa illuminação publica.

A dous paços de distancia o traseante de vista mais aguda hesita em afirmar se a *lamparina* está áceza ou apagada.

O recato e modestia são qualidades apreciaveis em tudo, menos nas illuminações; evidencia e brilha é do que precisa ellas.

Pedimos a quem do direito que attenda a esta justa reclamação que não vai de encontro ao edital Bassou, a traduz uma necessidade que todos quotidianamente reconhecem.

do commercio e dos interesses sociaes que se publica em Pão de Assucar, extrahimos o que se vai ler:

«A ideia republicana vai se desenvolvendo com uma rapidez extraordinaria nesta cidade. E' hoje só em que se falla em quasi todas as reuniões.

Consta-nos que pretende-se nestes dias installar um club.»

Verdade é, que a França do segundo imperio, teve um largo suffragio, e com elle coexistiu a «candidatura official». Mas ninguem ignora, que o periodo da corrupção eleitoral foi ali principalmente uma consequencia do golpe de estado de 2 de dezembro, que momentaneamente paralysoou as forças politicas da nação. Passando esse primeiro momento de assombro, a democracia franceza começou a reagir, mandando á camara um importante grupo de deputados republicanos e obrigado o proprio imperio nos seus ultimos dias a deliberalisar-se para evitar a catastrophe, que todos, a começar pelo imperador, viam imminente.

Mas que exemplos de nobre hombridade não dá hoje o corpo eleitoral francez, que, em vez de se deixar dominar pelos governos, se lhes impõe em nome da soberania da nação, fazendo e desfazendo ministerios, creando e destruindo n'um momento e a um assomo da sua vontade as mais persistentes situações politicas, como a do ultimo ministerio Ferry ?

E que diremos das eleições da Suisca, onde n'alguns cantões o povo já chegou a tal estado de educação politica a ponto de prescindir de

«A REPUBLICA EM PORTUGAL»

Os thronos sentem-se todos sobre brazas.

Os recursos de que lançam mão contra as aspirações da democracia são tão odiosos e despoticos, que só servem para dar incremento á *hydra*;

MEETING E TUMULTO

Como nós, são tambem os republicanos portugueses victimas da policia mal ou bem disfarçada, dispostar a usar de todos os meios.

Os jornaes portugueses relatam imparcialmente uma das muitas brutalidades policiaes, ultimamente occorrida.

Era um *meeting*, presidido pelo o illustrado publicista e litterato Theophilo Braga, servindo de secretarios os dous redactores do *Seculo*, Magalhães Lima e Eugenio Silveira. Os representantes do partido republicano portuguez lluham-se reunido para protestar contra o governo.

Depois de terem fallado alguns oradores, quando fallava o Sr. Eduardo Maia o commissario de policia quiz prendel-o havendo grande protesto da parte do povo.

A ordem de dissolução do *meeting* começou o tumulto onde tomaram parte policiaes armados e outros á paisana.

Houve muitos feridos da parte do povo que não estava armado nem fora com tenção de lutar.

Findo o *charivari* policial como tambem é de costume aqui, foram presos varios cidadãos, os quaes, incommunicaveis como se fossem assa-tinos, depositaram ao depois, a fiança de 100\$ para serem soltos.

Consta haver segu do para o Seridó uma força de 30 praças com um official.

Vão sem duvida pelos motivos me-nos e

da capital.

Final ninguem sabe ao certo a que vão os 30 soldados aquartelar no Principe.

Ajudar as commissões de soccorros na abertura de açudes, não é provavel; o que parece mais razoavel é que vão garantir a liberdade de voto. O governo prometteo tamanha neutralidade no pleito de 31 de Agosto, que vê-se for-

representantes e legislar elle proprio directamente ?

Se nos Estados-Unidos ha casos de verdadeira corrupção eleitoral (o que nada prova contra o principio electivo, mas abalmente se explica pelas circunstancias sociaes de um paiz, que todos os annos recebe no seu seo centenas de milhares de individuos, muitos d'elles o refugio da nossa Europa) o que é certo, é que nem uma unica vez a eleição se tem enganado a respeito do valor e do merito dos eleitos. Sempre o suffragio dos eleitores recaiu em personalidades de primeira ordem.

Desde Washington, o primeiro presidente da União, até Cleveland, o ultimo, sempre na *Casa Branca* (1) tem honrado a cadeira presidencial os cidadãos mais eminentes da grande Republica. Que importa que um ou outro vicio tenha inquinado as eleições, se os resultados finais são de tal modo favoraveis ao principio electivo e de tal maneira antedores para a prosperidade da nação ?

(Cont.)

(1) A habitação dos presidentes da Republica.

ção talvez a lançar mão até da força para desobrigar-se do seu compromisso. A perla dos governos!

Em prol da nossa causa

É sem duvida, chegado o momento de *unificar-se*, para corroborar, todo o partido republicano de nossa provincia.

Localidades ha, em que ja existem Clubs, regularmente organisados, de modo a serem os representantes directos e idoneos de seus conterraneos; em outras, se ainda não ha taes associações, — encontram-se, todavia, cidadãos independentes, espiritos nobres, que não só comprehendem o grande alcance das idéas democraticas, mas ainda adhem, *firme e francamente*, ao movimento generoso, que se nã ta de um extremo ao outro do paiz em prol do regimen republicano.

Entretanto, verdade seja dita: todas aquelles que professam essa mesma idéa em bem da regeneração politica do povo brasileiro ainda carecem, nesta provincia, da cohesão e correspondencia activa, que as circumstancias de um dia para outro podem exigir.

É mister, com effeito, que todos nós sejamos, como um só homem, não somente no sentir e pensar, mas tambem igualmente na orientação dos factos concernentes.

Até bem pouco, faltava, é certo, oportunidade real para scõstante reclamo, desde que não havia na provincia um *orgão especial* do partido, que, servindo de interprete de suas aspirações, fosse, ao mesmo tempo, o *filio de ligação* com os seus numerosissimos confrades nos varios pontos do Brazil. Mas, agora, que existe a « Republica », consagrada á causa da democracia no Rio Grande do Norte, e publicada na propria capital desta provincia; — resulta a conveniencia de, quanto antes, congregarem-se todos os republicanos norte-riograndenses, por intermedio deste orgão de opinião, em termo do director ja no empenho de firmar *verdadeira unidade* de vistas do partido em todas as localidades, em toda a provincia, ja, como condicção indispensavel para existir um centro unico de movimento e acção em circumstancias dadas.

Levado por intentos desta ordem, concitamos e convidamos a todos os nossos correligionarios a porem-se em relações de estreita correspondencia com a Redacção da « Republica », a qual auxiliação, não somente transmittindo-lhe todas as noticias ou occorrenças de interesse do partido, mas tambem, recebendo os avisos ou instrucções, que forem convenientes, — tanto dos correligionarios da provincia, como d'outros pontos do paiz.

Não é preciso encarecer aos olhos de ninguém as vantagens de ser posta em pratica a conducta, por nós indicada, porque, somente assim, poderão

ter real impulso o effeito as ordens e instrucções, que forem recebidas do centro director da nosso partido na corte do Imperio.

Felizmente, a « Republica » ja se acha acreditada, e em contacto com o referido centro, e portanto no caso de desempenhar o papel que se propõe.

ADHESÕES

Não cantam hosanas ao Laffayetismo da provincia. Havemos de ter sempre respostas como os documentos que abaixo publicamos, para fazer frente áquella defeccão que os governistas exhibirem como uma grande victoria. Além de que não pode deixar saudades ao partido republicano a retirada de elementos que por sua falta de convicções e tibieza antes constituem um mal do que uma força, contaremos com adhesões sinceras e espontaneas em numero tal que a alegria dos nossos adversarios se transformará em dissabor e tristeza.

O maior cego é aquelle que não quer ver.

Quem haverá hoje no Brazil que não reconheça que somente a transformação do governo de seu paiz, de monarchia em Republica, o poderá salvar do abysmo que lhes foi cavada pela corrupção d'aquelles que o tem governado até hoje?

Quem haverá que não reconheça que somente a Republica pode fazer a felicidade futura de todos os Brasileiros?

Assim, pois, os abaixo assignados consciuos dessa verdade veem de coração declarar-se republicanos de baixo da bandeira hasteada pelo Illm. Sr. Dr. Pedro Velho a quem reconhecem como seu legitimo chefe.

- Ceará-nirim, 17 de agosto de 1889.
- Francisco Dantas Teixeira.
- Joaquim José Dantas.
- Manoel Varella do Rego Borges.
- José Francisco Xavier de Souza.
- Francisco Varella Borges de Góvia.
- José do Rego Barros Leite.
- Florencio Cardozo.
- Francisco Camillo d'Oliveira.
- Luiz José de França.

Coitezeiras, 8 de agosto de 1889.

O abaixo assignado de profissão agricultor, residente em Coitezeiras, sendo convencido e sinceramente adepto das idéas republicanas, vem voluntariamente alistar-se na bandeira do generoso partido nacional, a cuja causa prestará o seu concurso leal e dedicado.

Carlos Soares de Medeiros

Testament a Monarchia

Em nome do Paiz, do Filho, do Espirito Santo, Amem.

Eu, Monarchia Representativa Constitucional do Brazil, filha legitima do Servilismo Severo e da Corrupção Esmagadora, por Graça do Lucifer e unanime aclamação dos Despotas, pela primeira

vez na plena faculdade de meu juizo;

Considerando que a minha vida desfinase e a morte é inevitavel;

Considerando que só dois fiéis me prederam a vida — o que das condecorações e o ar impuro e pestilento de palacio de S. Christovão;

Considerando que o fogo dos canhões da Republica é um poderoso dissolvente do primario, e a revolução um poderoso desinfetante do segundo;

Resolvo fazer o meu testamento.

Nomeio meu testamenteiro, em 1º lugar, o Despotismo Tyrannico, em 2º a Corrupção Facinorosa, em 3º a Hypocrisia Governamental; com os quaes convivi desde a minha tenra mocidade, notando sem a firmeza e a afeição, pelo que dou-os por ahogados de prestação de fiança.

Sou casada com o Terror e com elle tenho 4 filhos: a Miséria, a Dor, a Fome e a Peste, que são meus unicos e verdadeiros herdeiros.

Quero entretanto que se reparta a minha herança entre os meus caros parentes e amigos: a Ignorancia, o Absolutismo, o Morticínio e a Loucura.

Meus bens constam de diversos excellentes corticos na heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, com os quaes nunca ponde a indignação do Povo e a junta de hygiene; tres salões completamente cheios de joias recibos dos postos e titulos —; quatro soberbos palacios onde nunca encontraram echo de que os de mimo; uma galinatória que só castigou os liquens sensatos; uma penna de ouro que só lavrou sentenças injustas; um craneo commum onde só hoje entrou o entendimento e uma magnifica guarda negra que, segundo meus adeptos, é a maravilha do seculo dezozeve.

Estes bens serão partilhados de conformidade com os meus testamentos, desejando porem fazer, entre as joias, algumas indicações.

Deixo o anel de minha hypocrisia ao meu 1º testamenteiro, deixo o chronometro do meu fanatismo a meu 3º testamenteiro, e á nação deixo a Rosa de Ouro da minha miséria.

Quero que meu enterro seja simples, porque o povo não consentirá que seja pomposo, porem vinguei-me completamente desse povo porque ri até a ultima hora dos seus soffrimentos. Tenho grande odio a republica porque cresceu e appareceu.

São estas minhas ultimas vontades e marco o prazo de dois annos para a prestação de contas deste testamento.

E eu, Reporter indignado do Povo, escrevão que o escrevi e assigno.

Reporter Indigno do Povo
Está conforme.

Monarchia Representativa Constitucional do Brazil.

Como testemunhas:

Vontade Nacional
Moralidade Publica
Aurora da Liberdade